

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA**

**UM ENSAIO PSICANALÍTICO SOBRE AS TOXICOMANIAS E  
SUA RELAÇÃO COM O SUJEITO DO INCONSCIENTE**

**ANDRÉ MAGALHÃES TEIXEIRA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia como parte para obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Scheinkman Chatelard.

BRASÍLIA - DF

JULHO - 2006

## **BANCA EXAMINADORA**

---

PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. ANA CRISTINA FIGUEIREDO  
(IPUB / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

---

PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. SANDRA FRANCESCA CONTE DE ALMEIDA  
(UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA)

---

PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. MARIA FÁTIMA OLIVIER SUDBRACK  
(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – SUPLENTE)

---

PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD  
(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – ORIENTADORA)

Dedico este trabalho a todos os pacientes e analisandos que confiaram seu sofrimento à minha escuta.

## AGRADECIMENTOS

Não é incomum ouvir pelos corredores da Universidade que o exercício da escrita é solitário. Concedo. Por vezes é mesmo! Contudo, este ofício é permeado de trocas intensas das mais diversas naturezas, nem sempre observadas com o devido reconhecimento.

Dedico estas poucas linhas para lembrar daqueles que marcaram, quer saibam ou não, minha trajetória, e acabaram por influenciar de modo reto este trabalho.

Agradeço especialmente aos meus pais, Arivaldo e Hebe, por todo amor, carinho, apoio, confiança e incentivo, incondicionais e intermitentes. Aos meus irmãos, Eduardo e Márcio, “pela piada no bar e o futebol pra aplaudir”, além da trilha sonora na madrugada e do auxílio para um computador “muito temperamental”. À minha amada esposa, Isabella, por toda dedicação, amor, carinho e paciência, esta por mim muito requisitada e de modo nem sempre justo.

Agradeço aos professores Guilherme Massara Rocha, Luiz Flávio Coutinho e Eduardo Gontijo que, durante a graduação em Minas, me despertaram para o ensino de Freud e, posteriormente, de Lacan. Às professoras Tânia Rivera e Fátima Sudbrack que me acolheram e apoiaram neste departamento.

Agradeço aos colegas do Centro Mineiro de Toxicomania, cuja acolhida, parceria e força de trabalho causaram, de certo modo, esta produção. Muito do material aqui contido é fruto de nossas conversas clínicas (tanto as de consultório quanto as de “depois do expediente”). Saudades dos bons amigos que deixei por lá!

Agradeço aos colegas da Saúde Mental e da AIDS do Ministério da Saúde que muito me ensinaram sobre gestão orientada pela clínica. E também aos colegas da ~~A~~lgebra do Campo Lacaniano, pelo incentivo e diálogo em terrenos por vezes árido.

Agradeço aos colegas Adeane, Rosangela e Wadson, os primeiros a me abrirem as portas nesta cidade, por todo trabalho sempre frutífero e estimulante.

Agradeço especialmente aos amigos Marcão e Chico por todos os momentos republicanos e outros não publicáveis. À Aline e Mel que garantiram durante todo este percurso pelo menos um dia para o *happy hour*. Agradeço muito aos amigos e psicanalistas Anna Carol, Dri e Paulo pelos diálogos vivos, inquietantes e produtivos levados mesmo com toda distância física. À Lú e Vitor pelo incentivo e disciplina nos estudos dentro e fora do tema, independentemente de domingo ou feriado. E, finalmente, à Shiva que me recebia dia após dia do mesmo modo feliz, entusiasmado e besta, com aquela cara de “e aí, vamos passear?”

Agradeço enormemente à professora Daniela Scheinkman Chatelard por sua orientação precisa, exigente, sempre paciente e acolhedora.

Ressalto que este trabalho não seria possível sem o apoio financeiro da CAPES nos momentos finais deste percurso.

## RESUMO

Este trabalho dedica-se ao estudo psicanalítico das toxicomanias. Toma como base as elaborações de Freud e Lacan sobre o sujeito do inconsciente e suas interações com as substâncias intoxicantes. Como estes dois autores não consagraram nenhum texto psicanalítico exclusivamente às toxicomanias, recolhem-se ao longo dos primeiros capítulos as referências necessárias para a constituição do sujeito, de sua divisão, para por fim, desenvolver o que estaria envolvido na relação do toxicômano com sua droga: uma recusa radical do falo, da castração e das formações do inconsciente. Esta operação retoma a indicação freudiana de que a droga seria uma saída para o mal-estar na civilização. Saída esta que constitui uma ética distinta da ética do desejo, necessariamente vinculada à falta e a castração. Uma ética do celibatário, cínica por definição, na medida que não passa pelo Outro. Neste ponto é introduzida a principal referência lacaniana de que a droga é uma ruptura com o falo. Assim, localiza-se a toxicomania como uma nova forma do sintoma, distinta das formações clássicas descritas por Freud.

Palavras-chave: Toxicomania, sujeito, divisão, falo.

## ABSTRACT

This essay is dedicated to a psychoanalysis study of drug addictions. It takes as base the elaborations of Freud and Lacan on the subject of unconscious and the interactions with substances intoxicants. As these authors haven't made any essay specifically about drug addictions, the first chapters contains the necessary references for the constitution of the subject and its division. Then, the focus is aimed at what is evolved in the relation of the addicted and his drug: an radical refusal of the speech, castration and the formations of the unconscious. This operation retakes the Freud's indication which states that the drug would be an exit for the malaise in the civilization. This exit constitutes distinct ethics of the ethics of the desire, necessarily tied with the lack and the castration. Ethics of the bachelor, cynical for definition, as it doesn't pass for the Other. In this point the main Lacan's reference is introduced stating that the drug is a rupture with the phallus. Thus, this study situate the drug addiction as a new form of the symptom, distinct of classic formations described by Freud.

Key-words: Drug Addiction, subject, division, phallus.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - A MONTAGEM DO EU: O IMAGINÁRIO.....	15
CAPÍTULO II - O EU É UM OUTRO: O SIMBÓLICO.....	26
CAPÍTULO III - O TRAUMA DO SEXO: O REAL.....	40
CAPÍTULO IV - UMA SAÍDA PARA O MAL-ESTAR.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS: AMOR, SEXO E CELIBATO.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

## INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o uso abusivo de álcool figura entre as 10 (dez) doenças mais incapacitantes do mundo<sup>1</sup>. Mesmo representando uma estatística mais tímida, o alcance das outras drogas, lícitas e ilícitas, é absolutamente relevante, tanto na perspectiva da saúde pública como para os casos clínicos individuais. Embora o recurso à intoxicação tenha datação tão antiga quanto a organização dos aglomerados humanos, a expressão atual dos danos é um fenômeno recente na história da Humanidade. Não podemos negligenciar que é a partir do século XIX, juntamente com a revolução industrial, que o uso abusivo de substâncias ganhou uma nova forma de expressão<sup>2</sup>. O dado oficial da OMS indica uma fatia nada modesta de aproximadamente 10% da população mundial como portadoras de transtornos decorrentes do uso/abuso de álcool e outras drogas, sendo este o contingente populacional que acessará serviços de saúde em decorrência do consumo de substâncias em pelo menos um episódio na vida<sup>3</sup>.

Diante de tamanha fatia populacional são necessárias diferentes ações. Para tanto, distinguem-se didaticamente 3 (três) abordagens para o controle<sup>4</sup> do uso indevido de álcool e outras drogas. A) *Redução de oferta*: conjunto de ações orientadas para a destruição de insumos e meios de produção,

---

<sup>1</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde*. 2ª edição revisada e ampliada, Ministério da Saúde, Brasília, 2004, p. 5.

<sup>2</sup> PEREIRA, C. *Alcoolismo: questões sobre o sintoma; in.: STYLUS: revista de psicanálise nº 7 – versões da práxis psicanalítica*, Rio de Janeiro, 2003, p. 121.

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde*. 2ª edição revisada e ampliada, Ministério da Saúde, Brasília, 2004, p. 5.

<sup>4</sup> Usamos “controle” no sentido epidemiológico do termo, ou seja, conjunto de ações visando redução da incidência, prevalência e gravidade de determinada doença, dano ou condição.

erradicação de plantações e distribuição de princípios ativos, repressão à produção, refino e tráfico. B) *Redução de danos*: conjunto de medidas de saúde pública que busca minorar as conseqüências adversas do uso de substâncias, sem interferência necessária na oferta ou consumo. C) *Redução de demanda*: conjunto de ações destinadas a desestimular ou diminuir o consumo e para tratar pessoas com transtornos decorrentes do uso indevido de substâncias<sup>5</sup>.

Concentraremos nossos esforços apenas no item (C), afinando a articulação teórica para um modelo de atendimento específico, a saber, a psicanálise. Não é nosso objetivo debater sobre modelos de atenção ou referenciais teóricos de diferentes perspectivas, outrossim, avançar a discussão dos referenciais teóricos da psicanálise que possam balizar a direção do tratamento. Para tanto, buscamos promover o encontro dos articuladores teóricos de Freud e Lacan frente às idiosincrasias da dita clínica das toxicomanias. Mantendo como fundo o estabelecimento das *funções do eu* e a da *sexuação* podemos nos interrogar sobre a *função do objeto* droga e de suas interações devastadoras na história de vida de alguns sujeitos.

Alertamos primeiramente ao fato de que alcoolismo, drogadição, dependência química e tantos outros nomes abrigados pelo significante toxicomania não são termos pertencentes ao campo freudiano. Freud, mesmo durante o período em que se dedicou mais entusiasmadamente ao estudo da cocaína<sup>6</sup>, não reservou um texto psicanalítico em sua totalidade à toxicomania. Lacan tão pouco o fez. Contudo, ambos deixaram os articuladores teóricos disponíveis na medida em que acentuamos o sujeito do inconsciente ao invés da substância. Neste sentido, o presente trabalho não será um estudo sobre a

---

<sup>5</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de redução de danos*; Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, 2001, p. 11.

<sup>6</sup> BYCK, R. *Freud e a cocaína*; Editora Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1989.

substância intoxicante, mas sobre o recurso destrutivo à substância solicitado por alguns sujeitos. Assim procedendo, nos alinharemos a um ensaio psicanalítico sobre as toxicomanias e sua relação com o sujeito do inconsciente.

A toxicomania não é *strictu sensu* um sintoma analítico, pois não se descreve do mesmo modo que as clássicas formações do inconsciente. Estas últimas são analisadas à luz da lógica dos mecanismos da condensação e do deslocamento descritos na obra inaugural da psicanálise<sup>7</sup>. Esse novo termo, toxicomania, revela sua potência na medida em que descortina um valor identificatório e encontra sua *causa eficiente*<sup>8</sup> num produto. Estamos diante de um fenômeno cuja apresentação clínica desafia a práxis psicanalítica. A clínica ambulatorial, de hospital-dia, de consultório, e mesmo da internação, impressiona por apresentar pessoas que, apesar dos evidentes efeitos deletérios do uso abusivo de substâncias, recorrem monótona e insistentemente ao uso.

O que faz da droga este objeto tão solicitado? O legado freudiano ensina que o objeto pelo qual a pulsão se satisfaz pode ser agressivo ou mesmo fatal para o indivíduo. A pulsão não tem objeto e sempre se satisfaz<sup>9</sup>. Eis o ponto original inserido por Freud: os tóxicos podem ser uma saída para o mal-estar<sup>10</sup>. Não uma solução de compromisso, como o sintoma, mas uma ruptura.

---

<sup>7</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>8</sup> LECOUCER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 17.

<sup>9</sup> FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes (1915)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 128.

<sup>10</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 93.

Esta *nova forma do sintoma*<sup>11</sup> revela-se no *eu*, solapando o sujeito do inconsciente, tornando-o amplamente resistente ao dispositivo analítico, uma vez que o recurso à substância cala o sujeito, conferindo-lhe um objeto derradeiro, único. Não obstante, vulgarmente o recurso à substância é identificado a um meio de afastar-se da realidade. Mas que realidade? Seria apenas a da consciência? Afirmamos que não! Há uma realidade, e mais dura: a da divisão subjetiva, a *spaltung* freudiana. É precisamente aí que o efeito da droga atuará, alijando o sujeito de sua função.

Neste sentido buscamos aprofundar a compreensão da *função do eu*, pois é justamente na desagregação desta função e na incidência sobre o corpo que o ato toxicômano mostra seus efeitos. A partir da releitura que Lacan faz dos textos freudianos, temos o inconsciente estruturado como uma linguagem, e o sujeito, efeito do significante. Proposição escrita pela fórmula ( $S_1 - \$ - S_2$ ). Para tanto é necessário que um significante esteja articulado a outro significante. A relação do toxicômano com sua droga materializa o que seria o significante puro ( $S_1$ ), símbolo de uma ausência e vazio de sentido, posto que este está no ( $S_2$ ). Ou seja, fica no significante primeiro, desarticulado de um segundo, impossibilitando os efeitos de sujeito.

O toxicômano suspende voluntariamente, através da eficiência do produto que consome, a divisão subjetiva, prevenindo-se da ação do Outro. A escolha da droga, que não deve ser confundida com a escolha desta ou daquela substância, e sim de um modo de gozar de seu sintoma, é demonstrável pela descontinuidade imposta pela perda da motivação natural do ser humano. Perdido o instinto, advém as pulsões, com toda a problemática de suas

---

<sup>11</sup> SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 30.

vicissitudes. A ruptura com o estado natural lança o homem para o universo do simbólico. A ação do significante no corpo impõe uma perda de gozo, estabelecendo um modo fálico, fora do corpo e pelo significante, de gozar. Freud<sup>12</sup> localiza justamente aí a função da droga. Uma recuperação de gozo, uma recuperação capaz de atenuar, embora de modo direto e tosco, as pressões estabelecidas pela civilização.

Neste ponto é que a releitura de Lacan sobre o ensinamento de Freud encontra sua expressão mais aguda frente a esta problemática. A articulação do fenômeno ganha dimensão maior do que a rápida equivalência ou substituição do objeto droga ao objeto da pulsão, quando é introduzido o termo da parceria. Uma parceria cínica por não passar pelo Outro. Esta proposição encontra raízes ainda em Freud quando, em 1912, descreve o casamento feliz do bebedor com o vinho<sup>13</sup>. Este parceiro mudo, monótono, que não relança o sujeito à castração, sem falta ou equívoco, pois o parceiro droga não erra. O desejo tem seu circuito interrompido. Por isso Lacan chega mesmo a afirmar que toda toxicomania é um ato de ruptura com o pequeno-pipi, ou seja, um ato contra o falo<sup>14</sup>.

Eis os elementos em cena! A função droga assume um papel de artifício na medida em que oblitera o sujeito do desejo. Assim, são chamados à reflexão os elementos constituintes da parceria fálica. Não por menos que ao estar fora do desejo, rompido com o inconsciente, o toxicômano resiste ao trabalho de

---

<sup>12</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 96.

<sup>13</sup> FREUD, S. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – Contribuições à psicologia do amor II* (1912); in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 171.

<sup>14</sup> LACAN, J. *Psychanalyse et medecine*, in.: *Document de travail – interventions de J. Lacan extraites des lettres de l'école*, Lettres de l'école n°1, Paris, 1967, p. 44.

análise, desmontando o próprio eixo transferencial na medida que este é também sintoma do inconsciente.

Em nosso desenvolvimento concentramos a argumentação na leitura de Freud orientada por Lacan. Conseqüentemente, recorreremos ao ensino de Lacan, tanto de seus textos escritos como de seus seminários. Também nos servimos de outros autores cujo referencial teórico está fortemente alicerçado no campo freudiano. O primeiro capítulo trata da montagem do *eu*, destacadamente sua função imaginária. É extremamente relevante percorrermos o imaginário, pois neste registro se manifestam gravemente os quadros da toxicomania. A *função do eu* comporta diversas funções, e em seu seio já estão cravadas as marcas do mal-estar. Por mais que um *eu* oriente-se por uma espécie de hedonismo, há o que Lacan qualificou como “perturbação profunda da ordem vital”<sup>15</sup>. Esta desordem é a passagem para o capítulo seguinte.

O segundo capítulo trata da divisão radical do *eu*, introduzindo a dimensão do Outro da linguagem. Assim, destaca-se o plano simbólico e sua articulação com o falo e os tempos do *Édipo*. A dialética do ser/ter o falo estabelece o terreno de onde um sujeito poderá se situar na encruzilhada estrutural. Clarear este ponto é vital para inserir o momento de ruptura com o falo como a *Ética do Celibatário*, reconhecidamente um recurso para escapar do trauma do sexo.

O terceiro capítulo dedica-se a este trauma, privilegiando o registro do real. A argumentação articula os conceitos trabalhados nos capítulos precedentes, desdobrando-se, enfim, no que resiste à representação, pois a falta é a própria estrutura. Estes três capítulos são formalmente mais teóricos, não

---

<sup>15</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 54.

enfrentando diretamente a questão das toxicomanias. Objetivam estabelecer as balizas que orientaram o debate, reservado ao quarto capítulo, no qual apresentamos nossa contribuição.

O quarto capítulo aborda a função da droga propriamente dita como estratégia de evitação do mal-estar. O gozo tóxico apresenta-se como uma das saídas para o mal-estar da divisão subjetiva<sup>16</sup>. A ruptura com o falo e a escolha de uma posição de gozo fora do Outro estabelecem um modo de gozo fora do inconsciente. É apresentada a desmontagem do circuito de formação do *eu*, cuja expressão é visível na apresentação comprometida do corpo do toxicômano. Este é o capítulo mais próximo do exercício clínico. Não recorreremos à ilustração com casos clínicos, uma vez que nosso objetivo é o desenvolvimento teórico e não estudo de caso.

Finalmente, as considerações finais apresentam a articulação dos conceitos em torno de uma ética estrangeira ao desejo, uma ética cínica, que passa ao largo do Outro. Na medida em que a ciência lança novos produtos e o discurso do bem-estar tenta fazer-se hegemônico na erradicação do Outro, na segurança do Um fálico, temos os impasses desta clínica.

Concluimos, por fim, que há na toxicomania uma posição ética de ruptura com o desejo. Uma ética do celibatário. Assim, temos na toxicomania um exemplo clássico de respostas às demandas do Outro. Certamente podemos abarcar outras manifestações sintomáticas, por assim dizer, nesta mesma lógica. O que nos leva a ampliar a questão para as fórmulas discursivas da modernidade.

---

<sup>16</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 96.

## CAPÍTULO I

### A MONTAGEM DO EU: O IMAGINÁRIO

Se o início do uso de qualquer substância parece semelhante para diversas pessoas, a continuidade e os problemas atravessados marcam as diferenças entre aqueles que encontraram a substância durante um período de vida, com maior ou menor transtorno, e aqueles que aderiram pesadamente ao uso. Estudaremos a relação que este último, o dito toxicômano, desenvolve com sua substância. Partamos do princípio que a relação do toxicômano com sua droga é sobremaneira distinta da relação fortuita, ou encontro, de um sujeito com uma substância. A dimensão do encontro é circunscrita a algum momento da vida, com maior ou menor intensidade. As causas e conseqüências são abordáveis segundo a lógica do sintoma, na qual há um sentido além do ato. Sentido este desvelado pela fala na interpelação do sujeito do inconsciente. Já o toxicômano opera de outro modo. A espiral fecha-se cada vez mais em torno do uso, a exposição aos riscos aumenta, o contato social diminui e a única baliza para o ato de drogar-se parece ser endereçada para o consumo mesmo. É o uso pelo uso, sem que seja, pelo menos a princípio, abordável pela lógica do sintoma como formação do inconsciente: não há nada a se dizer, o sujeito fica reduzido ao significante vício. Fica estabelecido já de saída o valor identificatório deste significante. Este ( $S_1$ ) que não demanda um segundo termo, encerrando em si mesmo a significação. Se o (\$) está na articulação de ( $S_1$ ) com ( $S_2$ ), como alcançá-lo na primazia de ( $S_1$ )?

Para avançarmos nesta questão percorreremos a constituição do *eu*. Esta opção justifica-se ao propormos que é precisamente no circuito deste desenvolvimento que estão alicerçadas as bases do que mais tarde irá operar na ruptura que o ato toxicômano impõe ao inconsciente. Dentre os aspectos dinâmicos, energéticos e topológicos, modelo freudiano para compreensão do inconsciente, daremos ênfase ao último, por ser a topologia capaz de dar conta<sup>17</sup> da constituição do sujeito.

No período em que dedicava seu ensino ao *retorno a Freud*, Lacan adverte seus interlocutores que a *função do eu* não é a do eu da consciência, sendo-lhe, em alguma medida, oposta<sup>18</sup>. De fato, a psicanálise nos leva por caminhos divergentes do eu do saber, afeito ao pensar e ao existir. Este eu psicológico ou fenomenológico é lugar de síntese, de autonomia e de clareza. Lacan sustenta a tese freudiana de que o *eu* não é dado de saída, não estando desde o princípio constituído no ser humano<sup>19</sup>. Contudo, acrescenta à argumentação freudiana da *divisão do eu* relevantes aspectos a sua montagem. Sim, a constituição de um *eu* passa por um complexo sistema de acomodações para se constituir como instância, por assim dizer, montada e identificada como *eu*.

Utilizando-se da psicologia comparada, Lacan articula o fenômeno do filhote humano reconhecer-se na imagem refletida no espelho como o logro da unificação do *eu* adquirida antecipadamente. Essa antecipação é atestada pela frágil definição da anatomia fantástica da histérica ou dos fenômenos de

---

<sup>17</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 193.

<sup>18</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; *in.: Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 96.

<sup>19</sup> Buscamos aqui nos afastar do termo *indivíduo* face à impropriedade importada ao termo no que se refere ao humano após a descoberta freudiana.

fragmentação do corpo da esquizofrenia. Os processos de formação do *eu*, demonstrados pela experiência psicanalítica, levam a uma reflexão diversa do eu-indivíduo, apontando propriamente para um *eu* fragmentado, desconhecido e dessemelhante a si próprio<sup>20</sup>.

A imagem do corpo reconhecida em sua forma é, no processo de formação do *eu*, constituinte deste próprio *eu*. A imagem do semelhante oferece a condição necessária para o engodo da unidade. Assim, o filhote do homem, lançando mão de um complexo de identificações àquela imagem, superará a fragmentação dos estímulos que o envolvem. Nestes termos, o *eu* não é dado de saída, tendo na sua formação o estabelecimento de funções distintas para a imagem, mais prontamente identificada a um eu da consciência (*moi*), e a um *eu* desconhecido de si mesmo, morada do inconsciente (*je*)<sup>21</sup>. Nesta montagem do *eu*, as suas funções estabelecem-se de modo ambíguo, revelando a existência de um duplo<sup>22</sup>.

No animal há uma imagem da espécie, uma padrão estabelecido de repertório respondente à *gestalt*<sup>23</sup> de sua espécie. Este padrão inato confere o estatuto de instinto às respostas dessa natureza. É válido o argumento que a imagem influencia o comportamento do animal, mutando-o, maturando-o ou mesmo obrigando-o à posição respondente. É assim para o pombo, para o

---

<sup>20</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 103.

<sup>21</sup> Embora a edição brasileira, tanto dos *Escritos* quanto de *O Seminário*, tenha optado por traduzir os termos *je* e *moi* por [eu] e eu, respectivamente, preservamos os termos no original em francês para asseverar a divisão subjetiva e facilitar a localização do leitor na argumentação desenvolvida. Assim procedemos por acreditar que muitas vezes a homografia pode ocasionar confusões indesejadas e levar à distorções na compreensão.

<sup>22</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 101.

<sup>23</sup> Preservamos o termo no original em alemão devido ao fato de estar assim impresso nas referências bibliográficas adotadas e por ser um termo consagrado na psicologia da percepção.

gafanhoto e para uma infinidade de espécies cujo repertório está capturado pela imagem do outro, sem interferência de uma linguagem. Temos um padrão da raça, um instinto<sup>24</sup>.

Uma vez que no humano o processo decorre da alienação na própria imagem, para integrar minimamente o corpo despedaçado pelas excitações, falamos de pulsão, não de instinto. Lembremos com Freud que o *ego*<sup>25</sup> é formado a partir da diferenciação dos estímulos endógenos e exógenos. A formação do *ego* é uma necessidade que surge para atender ao *princípio de realidade*, diferenciando-o do *princípio do prazer*. Surge impondo-se como barreira, filtro para os referidos estímulos, originado das marcas que estes estímulos deixam no aparelho psíquico que ora começa a constituir-se<sup>26</sup>.

A imagem virtual é a base da primeira identificação, possibilidade de um *eu* advir. A identificação é o mais primitivo laço com o outro. Constitui-se propriamente o modelo de formação do *eu* quando possibilita a identificação com o objeto e com o modelo que se quer ser. Esta dialética de ser/ter contida na relação com a imagem é dotada de ambivalência<sup>27</sup>. Identificada à imagem, a criança supera a inapetência motora, ordenando e integrando os diversos estímulos que a acometem. É correto afirmar que é pela identificação que há a

---

<sup>24</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 99.

<sup>25</sup> Utilizamos o termo *ego* para nos servirmos da opção adotada pela tradução brasileira dos textos de Freud. A referida tradução consagrou o vocábulo latino *ego* como tradução do alemão *ich*, embora o termo latino não tenha sido utilizado pelo próprio Freud. Em extensa nota (LACAN, J. *O Seminário – Livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 408), o tradutor brasileiro de *O Seminário* de Lacan defende a utilização do vocábulo sem o artifício do latim. Para os efeitos deste trabalho, estamos estabelecendo equivalência entre os vocábulos *eu* e *ego*.

<sup>26</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 376.

<sup>27</sup> FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 133.

transformação do filhote do homem, preso à condição de completa dependência, em agente da fala. Neste processo de identificação à imagem sedimentam-se as bases da *matriz simbólica* que a linguagem, em um tempo futuro, restituirá a este animalzinho a condição de sujeito (*je*)<sup>28</sup> na linguagem.

A formação do *eu* está ocorrendo em dois campos, real e virtual. O (*moi*) constitui-se sobre a imagem do próprio corpo, imagem esta inexistente enquanto ser, posto que é reflexa, inexistindo sem o espelho. O efeito psíquico desta imagem é vital. O júbilo da imagem está justamente na constituição alienante do Um, pois na tentativa de capturá-la se é capturado pela imagem. Esta é a matriz simbólica do *eu* que possibilitará toda a subjetividade. O *eu* é formado por identificação; identificação cuja base é antecipada por sua imagem completa. Quem ascende é um *eu* impostor, pois a ilusão necessária da completude encobre a fragmentação inerente ao ser da fala.

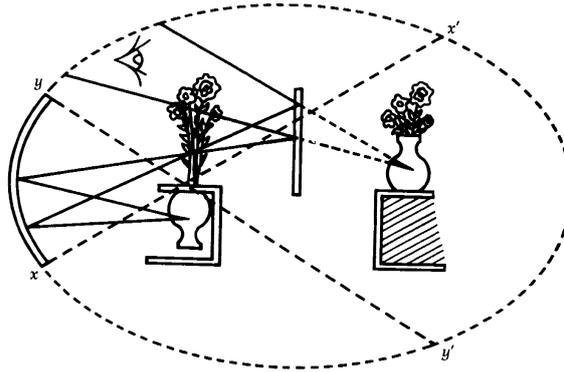
Lacan recorre ao esquema óptico<sup>29</sup> para demonstrar a constituição do *eu* a partir da imagem do semelhante, alargando a compreensão sobre a identificação apresentada por Freud no *Complexo de Édipo*<sup>30</sup>. Naquele esquema situa a constituição do corpo no campo virtual, derivada da relação com a imagem. O *eu* é articulado no registro do imaginário, onde, na topologia, supera a fragmentação vivenciada pela imagem inteira do outro.

---

<sup>28</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 98.

<sup>29</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 1 - os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.

<sup>30</sup> FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* e *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.



Assim, esse processo conhecido como *Estádio do Espelho* possui estatuto maior do que um “momento do desenvolvimento humano”, como diz Lacan. Todo processo de *Urbild*<sup>31</sup> do *eu* é assumido como tal nas relações do sujeito para com sua imagem<sup>32</sup>. Uma unidade é adquirida e assumida quando a fragmentação é superada pela alienação na imagem. A superação do despedaçamento do corpo, da fragmentação das pulsões, não seria possível sem o narcisismo<sup>33</sup>. A possibilidade de a libido investir em objetos e de tomar o próprio *eu* como objeto é que propicia a acomodação da imagem, função apaziguadora do outro. A imagem do corpo no espelho opera como gatilho da libido que circula do corpo à imagem, da imagem ao *eu* e ao mundo, produzindo seus efeitos. O registro assim estabelecido é conhecido como imaginário.

Contudo, não é sem dificuldades que ocorre a acomodação do imaginário no homem<sup>34</sup>. O horror da experiência de castração é ligado àquilo que se vê,

<sup>31</sup> Optamos por manter o termo no original por ser esta a opção da tradução brasileira do texto de referência.

<sup>32</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 1 - os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986; p.91.

<sup>33</sup> FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>34</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 1 - os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986; p. 164.

conferindo o desvio da imagem a possibilidade de eludir a falta<sup>35</sup>. O despedaçamento é vivido de modo intenso, demandando ao outro uma ação específica<sup>36</sup>. Esta ação não vem só, traz no ato do outro o acesso ao Outro. Perde-se aí um objeto jamais recuperado<sup>37</sup>. Lacan chega mesmo a afirmar que “nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objeto”.<sup>38</sup> Este ponto é extremamente relevante na nossa argumentação, pois é possível identificar-se mesmo com o objeto, reduzindo-se a ele, ou com o *eu* oferecido pela imagem<sup>39</sup>, saída ortopédica e claudicante, mas que preserva a possibilidade de um (*je*) advir no circuito estabelecido como (*moi*).

Como vimos, o *eu* não é posto desde as origens, é uma função psíquica adquirida pela ação da linguagem no corpo, pois não se trata de uma ontologia, mas dos efeitos da linguagem<sup>40</sup>. Esta tira do vivo o seu ser, ou seja, uma representação plena do vivo na linguagem. Repetimos, é necessário identificar-se em um outro para através dele alienar-se no Outro. Nestes termos, temos no *Estádio do Espelho* a operação de dois registros, o imaginário e o simbólico, contornando o despedaçamento que mais tarde será nomeado por Lacan como real. Este, sim, já está nas origens, mesmo sob o signo do instinto de morte<sup>41</sup>. É

---

<sup>35</sup> SCHEINKMAN, D. *Da pulsão escópica ao olhar: um percurso, uma esquizo*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1995, p. 83.

<sup>36</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 421.

<sup>37</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 7, a ética da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988, p. 71.

<sup>38</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 174.

<sup>39</sup> FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 135.

<sup>40</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 37.

<sup>41</sup> É importante notar que durante os anos de *O Seminário*, Lacan preserva o termo instinto. Longe de ser uma imprecisão conceitual das possíveis traduções do *trieb* freudiano, o termo conota que o instinto de morte tem um objeto específico – a saber, o objeto (a) –,

a ele que o aparelho psíquico desenvolve-se em resposta<sup>42</sup> para conter o horror do despedaçamento<sup>43</sup>. A construção de uma unidade corporal ancorada na imagem é testemunho do trabalho psíquico envolvido nesta empreitada.

O *eu* identificado a uma unidade fundamenta-se na relação imaginária e decorre do ato psíquico que possibilita a função do narcisismo, ou seja, tomar-se como objeto de investimento libidinal. Ao ser humano não resta outra possibilidade de transpor a fragmentação do *eu* a não ser pela superação na miragem. A imagem realiza-se fora de si - abrindo então dois campos: o do sujeito e do Outro - sendo-lhe próprio o investimento libidinal. Lacan chega mesmo a chamar de investimento libidinal aquilo através do que um objeto se torna desejável<sup>44</sup>, introduzindo a função vital do desejo.

O desejo assume posição correlata à falta, sendo essencialmente uma negatividade<sup>45</sup>. Não é propriamente uma função originária, embora seja de visceral importância, uma vez que a identificação à imagem supera a fragmentação. O desejo então é apreendido primeiramente no outro, decorrendo na alienação do desejo no campo do Outro. O desejo, situado no outro, tem sua apreensão ambivalente e fragmentada pelos objetos localizados neste outro. A distinção obtida do outro ao Outro é de todo confusa, opera deixando suas marcas. Nesses termos é que o sujeito, ao superar sua divisão, sua falta, não sabe mais do seu desejo. Eis o ponto em que a substância do

---

diferentemente dos representantes pulsionais que ao entrarem no aparelho psíquico por meio da representação podem assumir qualquer objeto.

<sup>42</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>43</sup> FREUD, S. *A cabeça de medusa (1940 [1922])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>44</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 1 - os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986, p. 165.

<sup>45</sup> Idem, p. 172.

toxicômano é inserida na ordem da necessidade, suprimindo o espaço de interrogação de um sujeito sobre seu desejo.

A *com/fusão* decorre do fato de o desejo ser reconhecido pela ação mediadora da imagem própria e do corpo do outro, sendo por este corpo que se reconhece o desejo. É neste desenvolvimento que o desejo do sujeito funda-se no campo do Outro, sobre as bases do corpo do outro. O desamparo original possibilita que o desejo se aloje no outro, detentor de objetos que podem ser investidos de forma fálica. Este é um ponto essencial na nossa argumentação, pois é precisamente aqui que incidirá o corte radical da toxicomania: a ruptura com a função fálica.

A imagem que nos interessa não é a do reflexo em sua objetividade, mas os atributos a esta imagem conferidos. A imagem proporciona unidade, garantindo em sua feita a corporeidade. Articula, deste modo, os lugares que a maturação do corpo deixa vacante. O reconhecimento de si como um corpo é possível a partir do momento que se reconhece o outro como tendo um corpo. Neste reconhecimento está a função indispensável do outro, procurador do Outro, para reconhecer o desejo<sup>46</sup>. É o axioma do desejo de desejo, instaurador do circuito pulsional<sup>47</sup>. O arco pulsional tem origem na fonte que, por sua vez ascende ao estímulo gerando, por acúmulo, pressão. Por fim, temos a descarga geradora de satisfação<sup>48</sup>.

Eis o sentido da cativação que o outro exerce sobre o filhote do homem!  
A imagem antecipa a unidade superando a fragmentação percebida, e

---

<sup>46</sup> Idem, p. 172.

<sup>47</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p. 206.

<sup>48</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

possibilitando a identificação narcísica. Sendo o corpo uma coisa, e a imagem deste corpo, outra, a unidade conferida àquele por esta antecipa, no nível psíquico, a futura unidade corporal. A imagem faz superar a distância entre o avanço psíquico e a organização biológica. A fascinação é essencial para que isso ocorra e se dê a constituição do *eu*<sup>49</sup>. Esta é a base que alicerçará as relações imaginárias, com os pares, com seu mundo.

Havendo esta *discórdia primordial* imposta pela maturação do organismo, delator do inacabamento anatômico do sistema piramidal e de certos resíduos humorais do organismo materno<sup>50</sup>, o filhote do homem dá sinais do mal-estar e da incoordenação motora que o lança ao nascimento mergulhado por uma verdadeira prematuração.

O desenvolvimento é vivenciado de maneira dialética. O impulso interno conflui da influência da imagem do semelhante para a antecipação de um *eu*. Há uma ortopedia do *eu*, cuja identificação constitui o engodo necessário para domar o despedaçamento do corpo. Este último resiste na fantasia, embora seja contida pela rigidez de um *eu* arrolado de modo imperfeito<sup>51</sup>. Este eu-fachada relaciona-se como o mundo externo, desconhecendo em certa medida o mundo interno, embora sofra seus efeitos.

A quadratura<sup>52</sup> é a referência explícita a um problema insolúvel. Não há possibilidade de fazer coincidir a imagem do corpo com a realidade, do mesmo modo que não é possível construir um quadrado com régua e compasso cuja área seja igual à área de um círculo. De fato, o inconsciente escapa

---

<sup>49</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985; p. 70.

<sup>50</sup> LACAN, J. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu* - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; *in.: Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 100.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Idem.

radicalmente ao que no homem é possível circunscrever como *eu*. Este é o principal legado de Freud: o inconsciente.

A divisão do *eu* em (*moi*) e (*je*) revelada pela análise estabelece que é justamente o mais não-reconhecido no campo do *eu* (*moi*) que é o inconsciente (*je*). Lacan relê o inconsciente freudiano fazendo-o um Outro. É o sujeito descentrado em relação ao indivíduo. Contudo, urge distinguir melhor este outro encarnado do Outro da linguagem.

Do outro ao Outro, Lacan colocará o inconsciente estruturado como uma linguagem, sendo seu sujeito efeito do significante. Estamos em um ponto essencial da articulação do sujeito, pois assim como o *eu*, o sujeito não é dado de saída. É ainda mais evanescente, posto que o sujeito é constituído a partir do momento da fala, não antes, no desenrolar do plano simbólico.

A trajetória da boca original ao falo é longa e demanda maior rigor para extrair do *eu* um sujeito distinto de si. Há a necessidade lógica de articular ao registro do imaginário, ora desenhado, mais um anel: o simbólico. Superar a dimensão do outro para entrar na mansão do Outro<sup>53</sup> é o marco decisivo em direção ao simbólico e à linguagem. Essa *diz-mensão*<sup>54</sup> é a entrada de uma nova dimensão cuja intervenção no plano imaginário dará consistência ao axioma do sujeito estruturado como uma linguagem.

---

<sup>53</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

<sup>54</sup> LACAN, J. *Televisão*; in.: *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 514. Segundo nota do tradutor brasileiro de *Outros Escritos*, o neologismo *dit-mension* é homófono de dimensão, abarca “menção” e “dito” na mesma estrutura fonética. A aproximação ao termo mansão (*mansion*) não se dá por acaso. Quando Freud buscou no “estranho familiar” (FREUD, S. *O ‘estranho’* (1919); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980) uma dimensão nova para a interpretação do inconsciente, reduziu do “estranho” (*unheimliche*) ao *eu* sua casa (*heim*).

## CAPÍTULO II

### O EU É UM OUTRO: O SIMBÓLICO

Ao dividir o *eu* em (*je*), (*S*), e (*moi*), (*a*), separa-se o sujeito que fala do sujeito como instância narcísica, e essa divisão não é sem efeitos. Ao (*je*) cabe o rigor do termo sujeito, termo que não se aplica mais ao (*moi*) sem comprometer a exatidão do conceito. Lacan<sup>55</sup> formula o sujeito da psicanálise como sujeito do inconsciente (*S*), como sujeito que fala. Este sujeito está para além do *ego* (*a*). Cabe a este, como função imaginária, resistir; e é justamente nos efeitos de resistência que o inconsciente deixa-se apreender. Nesses termos é que a resistência não é propriamente do sujeito, mas um efeito do *eu*.<sup>56</sup>

É necessário introduzir um corte para o sujeito, função simbólica por excelência, presentificar-se e dele extrair conseqüências. Temos então a notação de sujeito do inconsciente por (\$) para denotar-lhe a marca do recalque. É justamente pelo fato do *eu* resistir, de haver dessemelhança entre o (*je*) e o (*moi*), que os efeitos da comunicação no nível do inconsciente são apreensíveis<sup>57</sup>. Aí mesmo, no equívoco, no não-sentido, ocorre a tensão do eixo imaginário, lançando-o para mais além da significação. Este é o corte que o muro da linguagem faz operar por meio do simbólico, possibilidade do sentido deslizar pelos significantes em busca da significação, sem, contudo, estabelecer relação de identidade entre significante e significado. Não é por menos que Lacan retoma as leis da *via Regis*, descritas por Freud como condensação e

---

<sup>55</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 221.

<sup>56</sup> Idem, p. 164.

<sup>57</sup> Idem, p. 286.

deslocamento<sup>58</sup>, renomeando-as nas figuras da metáfora e da metonímia. O inconsciente sai das trevas para a flor da linguagem, sendo o sujeito do inconsciente efeito do corte da linguagem. Nestes termos é que o simbólico cria ruído no sentido da compreensão, tão caro ao imaginário, conferindo à mensagem o estatuto de discurso interrompido; interrompido, mas insistente.

Essa delimitação traz mudanças radicais na compreensão da técnica, dando uma dimensão nova à direção do tratamento. Assim nos diz Lacan:

*“Há dois sentidos a dar à frase de Freud – Wo Es war, soll Ich werden. Este Es, tomem-no como sendo a letra S. Ele está aí, ele está sempre aí. É o sujeito. Ele se conhece ou não se conhece. Isto nem sequer é o mais importante – ele está ou não está com a palavra. No fim da análise, é ele quem deve estar com a palavra, e entrar em relação com os verdadeiros Outros. Ali onde S estava, lá tem de estar o Ich.”* (Lacan, 1985, p. 311)

Então temos, onde *isso* (S) estava, *eu*, sujeito do inconsciente (\$), deve advir. Ocorre um descentramento do *eu*. Com isso, onde deveria *eu* (*Ich*) surgir, deverá advir o sujeito, (*je*), agora marcado pela barra do simbólico (\$). Desta feita, ao (*moi*) não é mais legítima a denominação de sujeito, como vimos, posto que a instância narcísica é-lhe mais afeita. A demonstração da relação imaginária estabelece a função do outro especular (a') como apoio ao desenvolvimento do *eu* (*moi*, *ego*, a) e do sujeito propriamente dito (S, *je*, \$). Termos que em absoluto coincidem, embora o primeiro ofusque o segundo na dimensão da fala ordinária. O corte inserido nesta relação imaginária desloca o eixo da análise não para a identificação com um ideal ou com um par, mas para mais-além. Eis a dimensão simbólica, via do desejo. Incide, daí, a barra sobre o (S), tornando-o sujeito do inconsciente (\$). É fundamental a incidência do

---

<sup>58</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

corde, operado pela ação de um Outro, para do sujeito pulsional (*S*) acéfalo advir o sujeito do inconsciente (*§*), interrogado sobre sua falta, seu desejo.

Lacan confere ao nível em que o símbolo surge a parte essencial da experiência humana, a ocorrência do sujeito enquanto sujeito da fala, do inconsciente<sup>59</sup>. Essa barra, desvelada pela experiência psicanalítica, revela uma profunda divisão do *eu*, sede do desconhecimento e da descontinuidade inerente ao *eu*; posto que não há equivalência possível entre os fatores da divisão – não havendo equivalência nos termos da divisão o quociente nunca pode ser igual a Um. Este Um é aquele momento mítico do qual deriva o objeto perdido<sup>60</sup>. É a perda do ser operada pela ação do significante. Esta é a parcela do vivo que se perde ao ter acesso à linguagem. Para tanto, temos o efeito de borda sobre duas faltas, uma simbólica, que ora tratamos pelo significante, e outra real, dada de saída pela perda do ser justamente por ser sexuado. Desenvolveremos oportunamente este tópico, mas já destacamos que esse ponto é crucial para a virada do pensamento lacaniano sobre o estatuto do objeto. Estão lançadas as bases onde se desenvolverá a tese que o objeto do desejo é inexistente, havendo, sim, objeto causa de desejo, redirecionando a teoria e a prática da psicanálise.

A barra que divide o sujeito é a do recalque, da castração, da impossibilidade do significante representar plenamente o significado, posto que o referente é abandonado para tornar a significação possível, como

---

<sup>59</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 221.

<sup>60</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 403.

desenvolveu Lacan a partir da torção do esquema de Saussure<sup>61</sup>. É a mesma marca que confere ao sujeito a impossibilidade de representar-se plenamente pelo significante sem o efeito de *afânise*<sup>62</sup>, de desaparecimento.

A dialética do sujeito é instituída nesta divisão fundamental, sob os efeitos da alienação. Como isso se dá? Ora, se a cadeia significante está primeiramente no campo do Outro, então é a ação dela sobre o corpo do ser vivente que possibilitará surgir um sujeito, pela ação do significante, que extirpa o instinto do vivo e lança o sujeito à pulsão. Este processo ocorre de forma circular e assimétrica, uma hiância mesmo. O significante é produzido no campo do Outro e ao tocar o vivo produz um sujeito de sua significação. A sucessão temporal retoma este efeito a outro significante, encerrando o sujeito como significação possível a partir do desaparecimento, do fechamento da abertura do significante<sup>63</sup>.

Um significante ( $S_1$ ) só produz efeito em cadeia, em oposição a outro ( $S_2$ ). Então o sujeito para ter significação deve desaparecer em ( $S_2$ ). Reparem que ao atrelar o sentido a outro significante, esse cai, escorrega para o campo do Outro.

O sujeito é estrangeiro ao *eu*. Há um hiato que rasga o *eu* sem que lhe seja possível uma síntese. O descompasso imposto entre a imagem e o motor garante para o *eu* um desconhecimento de si, embora íntimo: este estranho, o inconsciente<sup>64</sup>. Não obstante, este *eu* rudimentar necessita do reconhecimento de si pelo outro (a') para ter assegurada sua imagem. Assim, a mensagem vem

---

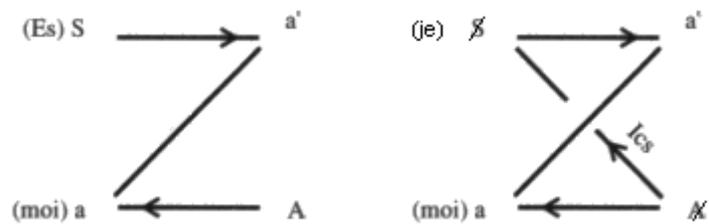
<sup>61</sup> LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, p. 500.

<sup>62</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 197.

<sup>63</sup> Idem, p. 197.

<sup>64</sup> FREUD, *O 'estranho' (1919)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

invertida do Outro (A). Com este (A) o *eu* estabelece uma profunda dependência. Na impossibilidade estrutural de (A) oferecer, então, um significante que represente plenamente (S), temos a barra recaindo em (A) e depois em (§).



Eis o *eu* como uma construção imaginária, sendo o sujeito impossível em sua totalidade. O sujeito (S) não se reconhece como dividido, apresentando-se como tal em um momento de abertura após um trauma no Outro<sup>65</sup>. (S) se vê de (a'), garantindo-lhe um *eu* (a). Somente uma interrupção neste circuito imaginário, dependente da imagem, possibilita a função simbólica do sujeito (§) advir com seus efeitos. O recalque incide sobre a verdade do sujeito.

O eixo (a – a') é o eixo da identificação narcísica, registro do imaginário. Esse eixo é cortado pelo simbólico (A – §), que instaura a dialética do sujeito do inconsciente. Temos então na instância narcísica a possibilidade do *eu* investir como objeto<sup>66</sup>.

O desenvolvimento da teoria do narcisismo proposta por Freud impôs uma leitura absolutamente original da constituição do sujeito e suas relações

<sup>65</sup> FREUD, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980. Lembremos com Freud que o traumático é a castração no corpo do Outro. É precisamente após a visão (imagem) do corpo da mãe marcado pela falta do órgão fático que Hans desenvolve toda a paixão de sua fobia. Como o outro (a') acusou a falta e o operador fático era por demais insatisfatório para amarrar o sujeito a seu desejo, o menino demandou algo mais para tornar o Outro suportável: juntou um cavalo a seu pequeno pipi.

<sup>66</sup> FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 82.

com os objetos, justamente por tomar o *eu* como objeto de investimento da libido. Lacan destaca que o *eu* é uma forma de constituição dos objetos, tendo a particularidade de sê-lo a partir do semelhante e de modo especular. Há, de fato, no eixo (a – a') uma superposição das imagens. No plano do espelho há a simetria dos *dês ego*<sup>67</sup> e de seus semelhantes. A desigualdade interpõe-se e instala-se pelo muro da linguagem. A esfera imaginária do (*moi*), deste *eu* verificável, e do semelhante confere a ambos o estatuto de objeto<sup>68</sup>.

Atentemos para o fato de que o (*moi*) não é a visada da análise. O descentramento do *eu* é o ponto de torção quanto à direção do tratamento que destacamos acima. Contudo, nisso não há uma relação de menos valia para com o plano imaginário, para seus efeitos no corpo, ou algo que justifique uma menor importância ou desqualificação da apresentação dos fenômenos deste registro. Muito pelo contrário. Precocemente, Freud percebeu que um sistema pode obter prazer de modo distinto do de outro<sup>69</sup>, ou seja, onde há sofrimento para o *eu* pode haver satisfação para o *isso*<sup>70</sup>. O operador novo está justamente no que advirá no lugar do sujeito acéfalo da pulsão: *eu*, efeito ortopédico; ou sujeito do inconsciente?<sup>71</sup>

---

<sup>67</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985. Segundo nota da tradução brasileira: *des ego* (eu) é homofônico com *des éguaux* (iguais). Para preservarmos tal efeito, mantivemos o termo no original, p. 307.

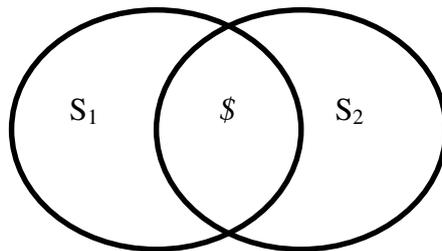
<sup>68</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 307.

<sup>69</sup> BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893 –1895)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>70</sup> Hanns, em seu dicionário (HANNIS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996, p. 262), observa que, no alemão corrente, o *eu* (*ich*) só pode abordar o *isso* (*es*) como a um terceiro, destacando a alteridade deste com relação àquele.

<sup>71</sup> “*Wo Es war, soll Ich werden*”; in.: FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932 [1931])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

Lacan atribui ao *eu* a função significativa no discurso, pois sendo imagem está preso à cadeia de símbolos<sup>72</sup>. A montagem do *eu* é possível pela ação do significante na carne. O significante pode então representar o sujeito, esse desencarnado, para outro significante. Temos o inconsciente estruturado como uma linguagem e o sujeito efeito do significante.



Deste modo, o *eu* é matriz simbólica do sujeito, conforme vimos anteriormente, e, nesta interseção, conjugam-se a alienação - a fala ego-orientada do discurso comum - e a realidade dividida do desejo. Esta divisão é a maior intimidade possível com a morte, pois na hiância, a morte se presentifica alienando o sujeito, colocando na boca mesma da fenda o que o causa.

O termo de interseção é comum aos dois conjuntos. Temos o desejo do Outro apreendido pelo que falta ao sujeito e também pelo que falta ao Outro. O que leva a mãe a atender o apelo da criança? Se a mãe direciona-se à criança é porque nenhuma possui o objeto que atribui ao ser da outra. O objeto da perda

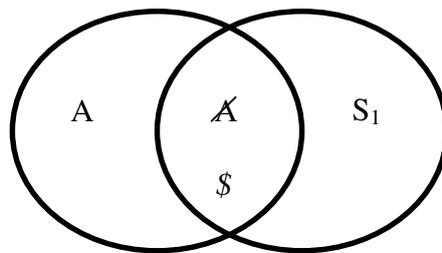
---

<sup>72</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 56.

primeira é o mesmo da perda do Outro. As duas faltas se sobrepõem, juntado desejo do sujeito com desejo do Outro<sup>73</sup>.

Eis a separação, momento segundo da alienação, na lógica da dialética do sujeito. O sujeito aparece primeiro no campo do outro, na medida que o significante primeiro é o Unário, e na medida que representa o sujeito para outro significante produz em *afânise* o sujeito enquanto significante binário. A alienação é a entrada do sujeito no significante, e a separação, a saída do Outro, inaugurando o campo mesmo do sujeito. Ocorre depois um retorno ao primeiro termo, da alienação. Um retorno circular, mas não simétrico<sup>74</sup>.

Quando Lacan compara o inconsciente à tipografia<sup>75</sup> é para acentuar que pode uma letra faltar. É precisamente no modo como se articula esta falta que a lei simbólica pode ou não operar. O significante está no campo do Outro e deve, em relação a outro significante, representar um sujeito, constituindo este Outro um terceiro termo essencial quando alguém fala.



Deste modo, o desejo deve passar pela via do significante para encontrar o Outro. Um Outro desencarnado, pois é no desvio de direção, quando se muda de meio, que o desejo adquire um significado distinto do original. Isso não é sem conseqüência, pois toda satisfação possível do desejo encontra um ponto

---

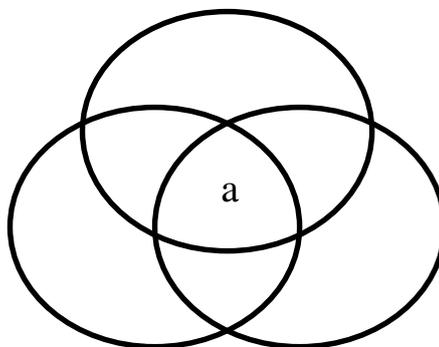
<sup>73</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 200.

<sup>74</sup> Idem, p. 207.

<sup>75</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p. 153.

tangente em (A), infligindo uma perda quando da articulação da fala com o sistema significante assentado no Outro. O Outro intervém no sujeito na medida que ratifica sua mensagem, invertendo-a. O desejo só é possível de se constituir na medida em que há uma relação do sujeito com o significante, com o campo do Outro<sup>76</sup>. Neste campo, o traço unário desenvolve sua função de *ideal do eu*, objeto de identificações, superando na imagem a fragmentação do vivo. Este traço não é propriamente o significante, na medida em que não está na bateria significante. Este traço é signo de assentimento ao Outro<sup>77</sup>.

O desejo fica condenado a um para-além da linguagem, realizando-se no tropeço, no ato-falho, nos sintomas e em outros lugares não sabidos. A insistência do significante denota o fato do desejo, em razão mesmo do significante, não poder ser significado. O Outro é assim mais do que o depositário fiel de todos os significantes possíveis, mais do que todos menos-Um. Não por outro motivo o objeto faltante (a) causa o sujeito, não o completa. Por não haver uma inscrição plena de (S<sub>1</sub>), nem no campo do sujeito nem no campo do Outro, (a) não é encontrado. É em relação à (a) que o sujeito orbitará no desejo, na fantasia e em todas as suas relações. Por este motivo Lacan colocará o objeto (a) no centro do *nó borromeano*<sup>78</sup>.



---

<sup>76</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 242.

<sup>77</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 8, a transferência*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p. 344.

<sup>78</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 22, R.S.I.*, Inédito.

Mas e o desejo, como introduzi-lo nesta dialética do sujeito e das funções do *eu*? Iniciemos pela relação da criança com a mãe. Aquela depende primitivamente do desejo da mãe. Alguma diferenciação começa a fazer-se na medida em que a mãe deixa de ser este ser absoluto e afirma-se como presença e ausência; ponto esse amplamente debatido por Freud no jogo do *fort da*<sup>79</sup>, cuja articulação amplia a compreensão da relação de atividade/passividade e do simbólico como meio de modulação da angústia. A nova perspectiva teórica desenha uma evolução importantíssima para estabelecer uma função de desejo neste pequeno ser. O desejo é para o infante o desejo de desejo da mãe. É a dilatação do que a mãe deseja objetivamente para o que ela deseja num mundo de símbolos. Na medida em que a presença/ausência possibilita a entrada para a criança do desejo da mãe, e este é voltado para Outra coisa, temos a rudimentar simbolização que algo do desejo dela não se satisfaz no desejo dele bebê. Aí, insere-se a abertura para a vida e para uma forma de gozo mediada pelo falo, retirando algo do gozo no corpo na medida que introduz a ação simbólica. Lembremos que o processo primário estabelecido por Freud é, segundo Lacan, o gozo<sup>80</sup>. A ação significante instaura o processo secundário, uma vez que no aparelho psíquico estão os representantes da pulsão.

---

<sup>79</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer (1920)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 26. Optamos por manter o termo no original em alemão uma vez que esta foi a opção da tradução brasileira, além do vocábulo ser consagrado na literatura psicanalítica.

<sup>80</sup> LACAN, J. *Televisão*; in.: *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 514.

O falo é um arranjo possível justamente pela negatividade<sup>81</sup>. É na medida que algo falta que ele pode ser utilizado como instrumento para positivar justamente o que não há. Eis seu envolvimento com o *complexo de castração*! Este objeto faltante é uma necessidade da ordem simbólica<sup>82</sup>. A relação da criança com o objeto falo se estabelece na medida em que é este objeto o que a mãe deseja. Se o deseja é porque dele é privada. Entra em cena o operador da castração, o pai como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Está aberta a possibilidade da dialética do ser/ter o falo, estabelecendo o terreno de onde um sujeito poderá se situar na encruzilhada estrutural.

Há aqui um ponto importante na articulação: o pai não pode de modo algum castrar a mãe de um objeto que ela não tem. O objeto é lançado para um plano simbólico, onde desenrolar-se-á a trama da significação da privação. Eis o que Lacan chamou de *ponto nodal do Édipo*<sup>83</sup>, encruzilhada estrutural, pois é a privação do falo que a criança aceita ou recusa. Ter ou não ter o falo decorre do fato de ser castrado. Acentua-se que o que é castrado é antes a mãe do que o sujeito em questão. Conforme vimos, a barra incide primeiro no Outro para depois recair sobre o sujeito. Não é demais lembrarmos que a mãe é para a criança, pelo menos inicialmente, o Outro.

Dada sua condição a criança é a princípio um *assujeito*<sup>84</sup>. O desejo surge de forma articulada, sujeito à lei do Outro. É instaurada uma dependência do sujeito ao significante, de modo que aquele não existe sem que este o funde<sup>85</sup>. O caminho em direção à castração acentua-se com a indicação da mãe que o

---

<sup>81</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 239.

<sup>82</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999 p. 190.

<sup>83</sup> Idem, p. 191.

<sup>84</sup> Idem, p. 195.

<sup>85</sup> Idem.

falo oferecido – a criança identificada com o falo, ser o falo - é insuficiente, esvaziando a identificação imaginária com o mesmo. O desejo da mãe encontra morada alhures, em algo que o pai pode lhe dar. O filho é, para tanto, impotente, não é mais o falo, pode, no máximo, portá-lo, mas não mais sê-lo.

Temos então três tempos<sup>86</sup>. Um primitivo, onde o sujeito identifica-se imaginariamente com o objeto do desejo da mãe. É o axioma do desejo como desejo de desejo, onde na equação aparece o (D) como desejo da mãe, e o [D(D)] como o desejo desejado pela criança. Neste momento a criança é impotente frente a este Outro que ora está presente, ora ausente. Assim, o falo como objeto desejado pela mãe assume um lugar privilegiado na dialética subjetiva, pois é em torno dele que o sujeito vai se organizar. Mesmo sobre a égide do imaginário, o símbolo e a lei já se fazem presentes, uma vez que o falo é um objeto metonímico situado na cadeia significante, chave lógica que nos permite ascender ao segundo tempo.

O segundo tempo é marcado pelo encontro do sujeito com a lei, mesmo que ainda sob sua expressão imaginária. A percepção de que a mãe deseja um outro objeto situa este mesmo objeto no campo do Outro. Há um Outro do Outro? O sujeito pode superar a identificação primitiva, desidentificando-se deste objeto, colocando seu (*je*) no lugar da mãe e o (*je*) dela no lugar do Outro<sup>87</sup> para si. Temos a dialética operada pelo falo! O Outro é marcado pela falta e esta recai sobre o sujeito na medida em que ele não é mais este objeto que sutura a fenda do Outro. Para tanto, é necessário que haja uma proibição no desejo da mãe para que o filho salve-se de ser este objeto e possa ser um sujeito. Há uma nova ordem em funcionamento: a mãe não é completa e ainda

---

<sup>86</sup> Idem, p. 197.

<sup>87</sup> Idem, p. 209.

está submetida a uma lei. A relação com o pai é a entrada dos Nomes-do-pai<sup>88</sup>, que tem na metáfora paterna sua máxima expressão como significante. É a ruptura com o lugar ideal que a criança pode, como falo, ocupar no desejo da mãe que possibilita o terceiro tempo, um tempo de identificação com o pai.

O terceiro tempo é marcado pela identificação ao *Ideal do eu*, identificação com aquele que tem o falo. Esta operação é estabelecida pelo significante. A cadeia significante está presente desde as origens como Outro e faz suas exigências à subjetividade, impondo uma barra ao Outro em sua constituição. É ao termo desta etapa que temos a assunção do ( $\Phi$ ) enquanto simbólico e do ( $-\Phi$ ) enquanto imaginário, estabelecendo os dois registros da função fálica. Temos o declínio do *complexo de Édipo* quando a identificação possibilitada por aquele que tem o falo opera no sujeito. Este, se masculino, pode reclamar para si um falo; se feminino, vai situar-se ao lado daquele que é suposto tê-lo<sup>89</sup>.

A identificação ao falo é uma forma de satisfazer o desejo da mãe. Há toda uma gama de identificações possíveis, mas encontram limite precisamente na formação do *Ideal do eu*, momento em que opera o registro simbólico através do significante privilegiado que é o Nome-do-pai, com sua função proibidora. Esse significante representa o conjunto de significantes autorizados a existir e regidos por uma lei. Em oposição está o falo, significante da significação. O significante fálico surge precocemente na medida em que é necessário abordar o desejo da mãe, e quando lá se tange, este lugar já está ocupado<sup>90</sup>. Então para o ser humano ter acesso ao desejo é necessário, de saída,

---

<sup>88</sup> LACAN, J. *Nomes-do-pai*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 73.

<sup>89</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p. 202.

<sup>90</sup> Idem, p. 206.

suportar a perda imposta pela ausência de objeto. Por isso que o significante tem relação com a falta de objeto<sup>91</sup>.

É dura a entrada no mundo do desejo! Há uma lei imposta e esta relança o objeto para mais-além de um ponto tangível. O objeto do desejo é irrealizável posto que é causa. O Nome-do-pai garante que haja uma lei, ordenando os significantes na medida que faz do falo o ponto de basta. Eis o ponto no qual a toxicomania faz-se exceção. Se o gozo deve contornar o falo operando, necessariamente, uma perda, para nesta fazer-se o circuito pulsional, é fundamental para tanto suportar a frustração da fraqueza que o falo representa. O falo traz a pecha de ser marcado pela impotência de ser realmente o objeto, no máximo um substituto canhestro. Isso leva Lacan a afirmar que não há outra definição para a relação do toxicômano com sua droga senão aquela que permite romper o casamento com o pequeno-pipi<sup>92</sup>. Rebelar-se contra o pequeno-pipi é romper com o falo e situar-se fora do desejo. O insuportável da toxicomania é o desejo em sua dimensão fálica, pequena e falível, notadamente produzido pela ação do significante sobre o corpo sexuado. O ato toxicomaniaco reinstala o gozo no corpo, sem mediadores, puro e feroz.

---

<sup>91</sup> Idem, p. 228.

<sup>92</sup> LACAN, J. *Psychanalyse et médecine*, in.: *Document de travail – interventions de J. Lacan extraites des lettres de l'école*, Lettres de l'école n°1, Paris, 1967, p. 44.

### CAPÍTULO III

#### O TRAUMA DO SEXO: O REAL

A reprodução sexuada impõe às espécies que evoluíram para este modo de reprodução a morte do indivíduo<sup>93</sup>, testemunhada pelo que a biologia celular descreve como apoptose. O sexo atinge o vivo pela via biológica, já o sexual é introduzido no sujeito através das marcas da falta pela via do significante. Não somente uma, mas duas faltas se sobrepõem quando se referem ao sujeito. Como vimos, o sujeito depende do significante que está originalmente no campo do Outro. À falta de significante acresce-se a falta originária, real, imposta pela condição de sexuado. É a perda real que a sexualidade impõe à vida. Neste sentido que o objeto da pulsão, objeto (a), suporta a emersão do sentido do sexo, arauto da presença da morte, pela função mesma do significante.

Na constituição do sujeito é de fundamental importância a relação deste com o objeto. Há em *Eros* uma tensão rumo ao Um<sup>94</sup>, tensão confirmada pelo caráter narcísico da escolha de objeto suportada pela ação do significante. A demanda de amor pede sempre mais amor, denunciando a insuficiência da resposta que vem do Outro.

Ao ser, o desejo não produz resposta suficiente, já que nos conduz sempre rumo à falta do ser. Eis o ponto que se demonstra a hiância entre o Um e a falta-a-ser. Incide aí a marca do gozo, pois à imagem escapa um resto no qual reside a insatisfação basal do desejo<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer (1920)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>94</sup> Idem, p. 85.

<sup>95</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 14.

Temos um furo na orientação da demanda de amor. Esta busca o ser, coisa extremamente fugidia na linguagem, sendo mesmo irrepresentável, pois reafirmamos com Lacan que o sujeito não é de ordem ontológica<sup>96</sup>. Daí o amor apresentar-se como suplência à falta de relação sexual<sup>97</sup>. O que está em questão é o que suporta o sujeito na falta de relação. Neste termo, cada um se relaciona como o objeto (a) constituído sob o olhar do outro. Não há um casal e sim uma tríade sempre que dois indivíduos se encontram. O casamento traz a marca da imperfeição do Um mais (a), pois não há como os pares se sustentarem sem a referência a um Outro e o objeto (a) que os causa.

O Um só pode ser admitido como significante como tal, apartado dos outros, separado dos efeitos de significado. Deste modo, o sujeito, como efeito dos significantes em oposição, deixa de operar como ruído na cadeia significante. É precisamente o efeito intermediário entre um significante e outro significante, a cuja barra articula-se a função fálica, que localiza o sujeito.

Chegamos então à proposição de que o aparelho psíquico é um aparelho de linguagem, desenvolvido para aparelhar o gozo. Este reside justamente no que claudica na fala, pois é na ausência de representação que o gozo fala, no momento que ascende a uma tradução, fala de outra coisa. Eis a mola da metáfora<sup>98</sup>; este algo que vem do real como o (a).

Em torno deste objeto organiza-se a sexuação, da qual decorre a possibilidade de o sujeito situar-se como homem ou mulher, segundo a

---

<sup>96</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 280; e *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 37.

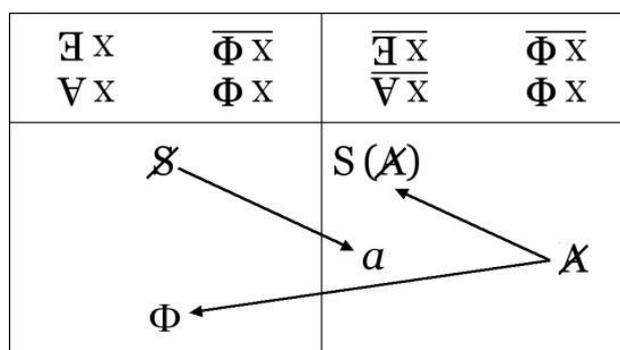
<sup>97</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 62.

<sup>98</sup> Idem, p. 83.

orientação deste objeto mesmo, o objeto (a). Temos o significante barrando o gozo na medida que se articula em cadeia significante, na medida em que é representado; e temos também o gozo do significante na medida em que não demanda do Outro, mas dele se desvincula, desarticulando a cadeia, reduzindo-se, por assim dizer, ao significante puro.

Do sexual, é d'isso que a psicanálise vem tratar. A obra freudiana revelou de modo definitivo e original toda a força (des)organizadora das pulsões na natureza humana. O desenvolvimento das teorias sexuais, da libido e das pulsões cobriu amplamente a organização fálica, esbarrando no “continente negro”<sup>99</sup>, justamente por ser a mulher referenciada por Outro gozo, que não o fálico, sendo possível apenas como não-toda fálica.

Lacan<sup>100</sup> avança a discussão da sexuação propondo o seguinte esquema para situar o que se passa quando o ser falante busca inscrever-se ou do lado do homem (à esquerda do quadro), ou do lado da mulher (à direita do quadro):



O homem toma a inscrição pela função fálica, daí pode se dizer todo (  $\forall x \Phi x$  ). Contudo, há um limite, a castração, onde é negada a função fálica para um qualquer, ponto da chamada função do Pai (  $\exists x \overline{\Phi x}$  ). Para o homem é

<sup>99</sup> FREUD, S. *A questão da análise leiga* (1926); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 242.

<sup>100</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 105.

necessário que algo diga não à função fálica, que haja castração, para que ele goze do corpo da mulher. É precisamente a interdição que possibilita a lei e o uso de um nome, ou seja, um modo de inscrição no campo do Outro. A derrocada da potência fálica exclusiva do *macho*  $\alpha$  possibilita aos irmãos o acesso à potência sexual, mesmo que enfraquecida<sup>101</sup>. A horda preservaria a referência ao pai assassinado e viveria sob a nostalgia de seu poder. Para poderem todos, todos perdem uma cota de gozo.

Este objeto faltante não é inscrito e, justamente em sua função, está a suplência da relação sexual. No lado do homem, o objeto (a) faz a função daquilo que decorre da falta do parceiro<sup>102</sup>. Por isso que há no esquema anterior um vetor de (\$) à (a). O sujeito só atinge seu parceiro se ele encarnar a causa de seu desejo. Eis os termos da fórmula da fantasia! No lado do homem, o ( $\Phi$ ), as identificações do sujeito. É por não haver objeto que satisfaça plenamente a pulsão, mesmo que essa sempre se satisfaça<sup>103</sup>, que o desejo não se prende ao objeto. O desejo o contorna e é deste contorno que se trata a pulsão. Há propriamente um circuito pulsional, insurgente do real, ao qual a fantasia oferece uma borda que funciona<sup>104</sup>.

Do lado da mulher, há a marca da inexistência da representação, operando então outro fator que não o objeto (a) em suplência à falta de relação sexual. Isso se dá pelo fato de A mulher não poder se inscrever como universal, tendo sua notação possível com a barra do ( $\bar{A}$ ). Precisamente por ser não-toda,

---

<sup>101</sup> FREUD, S. *Totem e tabu* (1913 [1912-3]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>102</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 85.

<sup>103</sup> FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 128.

<sup>104</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 189.

( $\mathcal{A}$ ), que a mulher, pareada ao gozo fálico, designa um gozo suplementar<sup>105</sup>, o que de modo algum é afirmar que por ser não-toda no gozo fálico não está nele de todo. É o que indica o vetor de ( $\mathcal{A}$ ) à ( $\Phi$ ). O Outro, depositário dos significantes, é radicalmente Outro. Levado a termo, o significante do Outro só pode ser gravado com [S ( $\mathcal{A}$ )], posto que não pode haver Outro do Outro. Nisso que a mulher se relaciona com [S ( $\mathcal{A}$ )], podendo ser inscrita somente como não-toda<sup>106</sup>, residindo em parte na ordem fálica, em parte em Outro lugar fora do significante. É a ação do vetor de ( $\mathcal{A}$ ) à ( $\$$ ) expandindo a significação da mulher para além dos limites do simbólico.

O ( $\$$ ) relaciona-se com o (a) por intermédio da fantasia, sendo-lhe possível atingir o parceiro sexual, localizado no campo do Outro, por sê-lo causa de seu desejo, não objeto de seu desejo. A fantasia apresenta o suporte para as relações humanas, no que faz tela ao furo real do sexo, possibilitando inclusive a cópula. O casamento é possível desde que haja o filtro da fantasia. Contudo, prevalece o desencontro e a falta na relação, suportada pelo casal na medida que há o Outro. Este só se atinge pelo (a), causa de desejo, mesmo que em sua visada se direcione a um suposto objeto que faz semblante de (a)<sup>107</sup>.

Resgatamos o ponto nodal da imagem, do corpo. Na fórmula da fantasia, ( $\$ \diamond a$ ), sujeito e objeto são mediados de modo a nunca se fazerem complementares. A fantasia manifesta sua eficiência precisamente em velar o furo real, impossibilidade de um objeto servir a um sujeito de modo pleno,

---

<sup>105</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 99.

<sup>106</sup> Idem, p. 109.

<sup>107</sup> Idem, p. 124.

superando sua divisão. Superá-la seria o fim do sujeito, daí decorre a angústia na aproximação com o objeto causa de desejo (a)<sup>108</sup>.

A angústia situa-se no meio do caminho entre o gozo e o desejo<sup>109</sup>. Lembremos que o sujeito constitui-se primeiramente no campo do Outro sob a forma do significante, afastando-se do gozo pleno, entrando no gozo fálico. O Outro já está lá, então o sujeito é efeito dessa subtração do (S<sub>1</sub>) de (A) e o que há de irreduzível é este (a). Se (S) é o gozo, tem em (\$) o desejo como limite, estabelecendo no falo o ponto de articulação.

A	S	Gozo
a	À	Angústia
\$		Desejo

A subjetividade é desenhada no ponto em que há a derrocada do falo<sup>110</sup>, na medida em que esta presentifica a perda de (a) e o estabelecimento de sua função enquanto causa de desejo. (a) resiste a uma significantização, não é assimilado na função do significante. Este dejetivo, excluído do significante, é constitutivo do sujeito desejante. Este, após a marca do significante, é orientado não mais pelo gozo, mas busca reencontrar aquele resto<sup>111</sup>. É uma equação falha: fazer o gozo no lugar do Outro como significante<sup>112</sup>. O que surge é o desejo como produto final da vacilação entre gozo e angústia.

<sup>108</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 10, a angústia*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 179.

<sup>109</sup> Idem, p. 186.

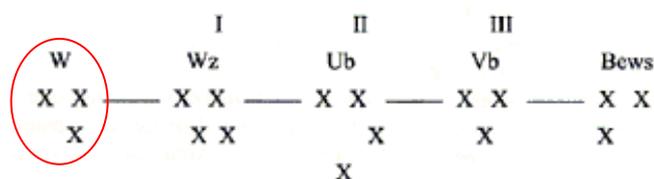
<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 380.

<sup>112</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 10, a angústia*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 193.

A realização do desejo é assim equívoca, pois o fim do desejo é sempre um falso fim<sup>113</sup>. O objeto cai realmente do sujeito na relação com o desejo, de modo que o falo, que se apresenta na função (a), o faz com a marca de um negativo (-φ).

O gozo é o limite; já o desejo, é inscrito por uma função corporal<sup>114</sup>. Há um (S<sub>1</sub>) que necessariamente não é inscrito, comprometendo a leitura do inconsciente como morada das representações. Eis o ponto tipificado pelo umbigo dos sonhos<sup>115</sup>, resistente a qualquer recurso significante. Resiste como algo indefinido entre o fonema, a palavra e até mesmo o pensamento, aproximando-se da tese freudiana da percepção (W)<sup>116</sup>, onde são iniciadas as estimulações. Estas, constituem a origem, mas não deixam marcas no aparelho psíquico se não por sua ausência.



O Um não se enlaça no Outro, e este não se adiciona ao Um. O Outro surge quando o Um se diferencia, constituindo-se Um-a-menos<sup>117</sup>. É o [S (X)],

<sup>113</sup> Idem, p. 194.

<sup>114</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 124.

<sup>115</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 482.

<sup>116</sup> FREUD, S. *Carta 52*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 282.

<sup>117</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 174.

conforme vimos na formação do *eu*. Este Um-a-menos é o próprio significante, pois designa o lugar que é do Outro<sup>118</sup>.

O (S<sub>1</sub>) é exterior à própria cadeia significante, sendo o Um o próprio significante da exceção. É o significante do gozo que é estrangeiro ao Outro e ao sujeito. Tem sua articulação na medida que *não pára de não se inscrever*. É a medida da não relação sexual, pois é essa que não encontra inscrição. O falo assume condição de contingente na medida que *pára de não se inscrever*, lançando a relação sexual no falante para a esfera do encontro, apenas encontro<sup>119</sup>.

Ora, por serem homem e mulher habitantes da linguagem, com se dá este encontro? Eis o valor do falo! Um órgão se faz significante<sup>120</sup>, implicando o corpo e limitando o gozo. Por isso, Lacan localiza o fim do gozo nas pulsões parciais de Freud<sup>121</sup>. Essas zonas de satisfação erotizam determinados órgãos precisamente nas partes do corpo onde os cuidados maternos infligem a introdução do significante no corpo<sup>122</sup>. São sempre pontos de troca com o Outro, onde no resto da equação está o objeto (a). É na cópula do órgão ativo com o passivo da ação do significante que temos o efeito de um masoquismo primário<sup>123</sup>, para enfim erigir o ativo do verbo quando de posse do recurso

---

<sup>118</sup> LACAN, J. *Radiofonia*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 407.

<sup>119</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 127.

<sup>120</sup> LACAN, J. *O aturdido*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 456.

<sup>121</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 171.

<sup>122</sup> FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>123</sup> FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo (1924)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

fálico<sup>124</sup>. O corpo sustenta, suporta, o significante, embora não haja ser para o inconsciente.

Tal como o órgão, o significante possui muitas funções, obviamente distintas do primeiro. Temos todas as perversões, as satisfações parciais e os desvios de finalidade realizados pelas pulsões como testemunha. A dialética estabelecida recai no ter ou ser o falo, para de certo modo suprir a relação sexual. Fezes, bebê e pênis, estes pequenos objetos do corpo que entram em suplência do amor<sup>125</sup>. Inscrever-se na função fálica é, pelo semblante, atenuar os efeitos da ausência de relação sexual<sup>126</sup>. É justamente pelo inconsciente que o corpo adquire voz e, mesmo que não haja relação sexual, há relação com o sexo. O falo é o parceiro canhestro a quem o sujeito deve conceder para existir, pois o falo condensa o significante e o sexual<sup>127</sup>.

Na busca de parceiro, o encontro não é com o Outro, este é mesmo (a)sexuado<sup>128</sup>. O encontro é com o que vem substituir neste Outro, ou seja, os objetos parciais. Estes sim são reclamados e constituem objetos de desejo. Conforme veremos, satisfação parcial é necessária para o relançamento do desejo. Para estabelecer-se com o Outro é necessário casar com o “pipi”<sup>129</sup>, mesmo que este seja pequeno.

---

<sup>124</sup> LACAN, J. *O aturdido*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 456.

<sup>125</sup> FREUD, S. *História de uma neurose infantil (1918 [1914])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 92.

<sup>126</sup> LACAN, J. *O aturdido*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 465.

<sup>127</sup> LACAN, J. *Radiofonia*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 407.

<sup>128</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 172.

<sup>129</sup> FREUD, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

Este último percurso veio demonstrar que o Outro, na medida em que não há relação sexual, impõe ao sujeito uma parceria falível com o falo para, enfim, gozar um pouco no corpo. A toxicomania vem propor outra ética, uma ética do celibatário<sup>130</sup>, cujo parceiro cínico é a substância, com quem realmente alcança o encontro para se furtar dos avatares do desencontro sexual, retornando ao Um do assexuado<sup>131</sup>.

---

<sup>130</sup> LACAN, J. *Televisão*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, p. 72.

<sup>131</sup> *Idem*, p. 67.

## CAPÍTULO IV

### UMA SAÍDA PARA O MAL-ESTAR

Freud nunca dedicou um artigo inteiramente ao uso de substâncias. Em sua obra, faz várias reflexões sobre as influências dos estados tóxicos na economia psíquica, alicerçando a possibilidade de uma reflexão sobre o recurso repetitivo às substâncias intoxicantes para além do objeto de abuso. Insere na discussão a dimensão do laço, na medida em que o recurso tóxico entra na economia psíquica das pessoas, e até da civilização<sup>132</sup>, fugindo ao reducionismo do objeto, perspectiva que até hoje é reivindicada por setores da ciência. Isso não exclui de modo algum as especificidades dos abusadores de álcool e outras drogas. Muito antes, abre a dimensão do discurso àqueles que muito rapidamente são identificados ao sintoma de apresentação. Esta identificação cerceia a possibilidade de o registro inconsciente *fazer* sintoma. Há aqui uma afirmação basilar: apesar das especificidades apresentadas pelos abusadores de substâncias muitas vezes demandarem cuidados clínicos de ordem médica e assistencial, entre outras, deve-se orientar a intervenção no sentido da escuta de um sujeito, não na direção do objeto droga. Quando alguém fala, o que existe é um sujeito, não um toxicômano<sup>133</sup>.

É precisamente no laço do sujeito com o objeto que ocorre a especificidade, a união do bebedor com a garrafa, nos termos mesmo de um

---

<sup>132</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 169.

<sup>133</sup> ZAFIROPOULOS, M. *O toxicômano não existe – fenomenologia da experiência toxicomaniaca e referências psicanalíticas*; in.: BITTENCOURT, L. (org.) *A vocação do êxtase*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1994.

casamento feliz<sup>134</sup>. O toxicômano é um sujeito que perde essa condição por buscar fazer-se exceção às modalidades de escolha objetal<sup>135</sup>.

A escolha de objeto é tocada diretamente pela divisão do sujeito e também pela divisão do objeto. Acarreta na reedição da perda do objeto original, objeto mítico que nunca se inscreve, mas cuja lembrança é a matriz de toda busca de objetos<sup>136</sup>.

O recurso à clivagem do objeto amoroso o divide entre o terno e o sexual. Assim, há um caminho para o desejo, marcado pela possibilidade de o objeto circular, enquanto denegrado. Derruba-se o valor do objeto para dele gozar. A escolha de objeto relaciona-se também ao belo, ponto esse marcado pelo desencontro. O belo situa-se imperiosamente como inatingível, deixando este traço na relação. Lembremos, contudo, da advertência de Freud: o belo, o sublime, é um alívio para uns poucos<sup>137</sup>. Fica evidente que recorrer a divisão é ineficaz para coincidir interdição e desejo como termos complementares, mas encontra nisso sua eficácia. O objeto alcançado não é o da satisfação, sendo possível apenas uma pálida assemelhação, posto que o objeto causa permanece

---

<sup>134</sup> FREUD, S. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – Contribuições à psicologia do amor II (1912)*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 171.

<sup>135</sup> Temos aqui que fazer uma consideração de ordem nosográfica/taxionômica. Embora de uso corrente, há uma inadequação do termo toxicômano quando usado no referencial psicanalítico. Sustentar o termo é sobrepor ato e sujeito, indiferenciando-os. Este uso, de tão abrangente adesão, denuncia que a substância dificulta, ou mesmo oblitera, a escuta de um sujeito, apagando-o na fenomenologia. É um retorno indesejado ao ôntico. Não obstante, replicaremos este termo justamente no intento de denunciar o valor identificatório que um significante pode assumir, mesmo que nesta feita apague o sujeito. Não é assim que o saber opera quando “entendemos” o que é um toxicômano?

<sup>136</sup> FREUD, S. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens – Contribuições à psicologia do amor I (1910)*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 151.

<sup>137</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 81.

inatingível<sup>138</sup>. Interdição e desejo são termos indissociáveis, cuja articulação lógica implica na insatisfação necessária. É a cota de mal-estar infligida pela perda de objeto da pulsão relembrada constantemente pela castração.

O embaraço no campo do amor não é obra da má fortuna de um indivíduo. É mais que isso; é um traço estrutural do ser falante. Não há na pulsão possibilidade de satisfação plena, embora descarga haja de qualquer modo<sup>139</sup>. A falha no circuito pulsional é fechada pelo suporte da fantasia. Esta contorna o objeto, por vezes escondendo a verdade do interdito simbólico, tornando-o algo perdido e algo alcançável. Função importante do registro imaginário, dar forma e iludir quanto ao encontro e à comunicação.

O preciosismo da articulação de Freud está justamente na relação estabelecida entre a clivagem e a atração que o objeto produz. Ao toxicômano cabe a exceção. Nesta qualidade, a paixão do bebedor à garrafa estabelece um casamento peculiar. O objeto não está alçado além de seu alcance, superando nessa feita os efeitos da clivagem. Amor e gozo conjugados provocam sutura da falha estrutural. O amor saciado é o palco onde o desejo é relançado. A clivagem do objeto é o caminho para que o desejo, algo insatisfeito, mantenha-se no circuito pulsional. O desejo põe limites ao gozo. Manter-se na condição de exceção provoca um curto-circuito da pulsão. Esta estratégia provoca novas formas de apresentação do sintoma, uma vez que há a desarticulação da cadeia significante e a suspensão dos efeitos de sujeito. O sujeito é efeito do significante, ponto obturado no recurso massivo à substância. Temos então os

---

<sup>138</sup> FREUD, S. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – Contribuições à psicologia do amor II* (1912); in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 171.

<sup>139</sup> FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 128.

sintomas de ruptura com o inconsciente, pois são o que são, vazios de Outro sentido. Não há barra, não há nada a dizer ou compreender.

O recurso à substância apresenta-se fenomenologicamente monótono. Se a pulsão sexual provoca transtornos por não se prestar a unir homem e mulher plenamente, o casamento com a bebida não se relaciona aos problemas do sexo. O casamento com uma substância torna possível para o sujeito desvalorizar as conseqüências impostas pelo trauma do sexual. Se Hans<sup>140</sup> buscou no cavalo aumentar a potência do seu referencial fálico para suportar a castração do Outro, nos ensinou que é possível uma parceria com o falo. Contudo, deve-se contentar com seu pequeno pipi. A fobia do menino nos ensina que um significante pode fazer por força nos conformarmos com a insuficiência do falo.

No desencontro do sexo, a exceção é o parceiro silencioso que não denuncia ruidosamente a castração. O gozo solicitado encontra satisfação, não operando a perda necessária para relançar o desejo em direção a outros objetos. A satisfação tóxica é artificial e sem adiamento, inscrita na monotonia do mesmo, da certeza do objeto ser o mesmo, livrando-se dos avatares ou caprichos de um Outro que não responde à demanda<sup>141</sup>. Não há enigma ou algo a ser significado, há apenas a justaposição de dois termos, desarticulando o sujeito de seu desejo.

A interdição no objeto de amor, Lei simbólica, coloca o objeto incestuoso fora de alcance. Repercute de modo reto no amante, pois este passa a ser obrigado a oferecer algo que não tem. A saber: o falo. Eis aí o dom simbólico

---

<sup>140</sup> FREUD, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>141</sup> LECOQUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 23.

(Φ). Conforme nossa argumentação, isso não se dá sem conseqüências, pois se fazer exceção é então sair da ordem fálica.

A orientação não é mais ordenada pelo Outro. Os significantes não situam mais um sujeito, posto que não estão mais em relação. A exceção se dá inclusive com relação à linguagem, colocando então a toxicomania, em sentido estrito<sup>142</sup>, fora das formações do inconsciente. Se o significante não concorre consigo mesmo, a cadeia está interrompida, ocorrendo a subtração das exigências do *dom*, encerrando a busca do objeto<sup>143</sup>. O objeto de satisfação é realizado e dele nada há de se inquirir.

Fora dos impasses do sexo, a exceção faz de si algo que escamoteia a barra do Outro, reduzindo o (\$) ao (S) do corpo fragmentado da dispersão pulsional. Tal é a apresentação do corpo do toxicômano, um corpo de rebotalho, cuja degradação é patente, estendendo-se da falta de cuidados pessoais ao reiterado desgaste físico do organismo devido à ação nociva e persistente da substância.

A toxicomania apresenta-se então como uma saída para identificar o sujeito na falta de representação no campo do Outro. Assim, o toxicômano passa a ser o corpo vivo sobre o qual o significante nomeia. Esta justa coincidência unifica o ser do toxicômano numa forma de gozo, incidente no corpo, acusatória da falha do significante. Se representar é mediar, passar-se por, opera na representação uma perda de gozo. Na toxicomania o que opera é um gozo a-mais, recuperando a perda imposta pelo falo em sua negatividade (-φ). É uma relação na qual o traço vindo do campo do Outro não representa o

---

<sup>142</sup> Não percamos de vista que não estamos falando do encontro com a droga, mas dos quadros mais severos, os quais a posição de sujeito – como ausente – buscamos evidenciar ao longo deste trabalho.

<sup>143</sup> LECOQUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 24.

sujeito, mas o apaga nele. Garantindo, mesmo que perenemente, o alívio da divisão. Este significante suporta identificações: “Eu sou alcoólatra”; “eu sou drogado”; “eu sou toxicômano” – Um significante que encerra em si o sujeito. Não por acaso este traço comum leva os indivíduos a agruparem-se em torno deste ponto de identificação<sup>144</sup>. Aos poucos, o círculo social do toxicômano reduz-se aos companheiros de uso, ao uso mais solitário e, enfim, ao próprio corpo degradado. Não por menos os tratamentos oferecidos nas bases da identificação proliferam no campo social. Não raro encontramos pessoas que estão a longos períodos sem beber e ainda se apresentam como alcoólatras. “Sou alcoólatra. Hoje faz 20 anos que não bebo”. É o testemunho fiel da força identificatória do significante, por assim dizer, tóxico.

O sujeito é o que escapa da cadeia significante, mas, mesmo ex-sistente, está preso a este entre-dois do significante. O significante Um excetua-se dos significantes entre outros, superando a brecha pela qual pode um sujeito advir<sup>145</sup>. É o (S<sub>1</sub>) desatrelado do (S<sub>2</sub>). Um significante não pode representar em si um sujeito (\$), o significante Um mata o sujeito.

Temos a operação engendrada pelo discurso do capitalismo, porquanto oferece significantes unificadores excluindo o sujeito. A oferta de gozo fácil, rápido e disponível ao consumo é abundante. Um discurso sem sujeito leva fatalmente às novas formas do sintoma. Não se trata mais das “antigas” formações do inconsciente, mas de fenômenos de ruptura com o mesmo. Assim, a fenomenologia dessas novas formas traz, não por acaso, as marcas do excesso e uma aparente refração ao dispositivo analítico. Nesse excesso o

---

<sup>144</sup> FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 136.

<sup>145</sup> LACAN, J. *...ou pior – Relatório do Seminário de 1971 - 72*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 547.

toxicômano tira o gozo a-mais, um ganho em seu ser, pois o efeito não é o de representação (*des-ser*), mas de ser. Para o dispositivo operar deve-se conceder a perda de gozo, logo o gozo tão caro à toxicomania!

O sujeito é dividido justamente por perder de seu ser a marca do significante Um, *traço unário*. A divisão do sujeito decorre do fato de ele ser simultaneamente marca e suporte da falta, daí subtrair-se o ser. Nesta proposição, na medida que há ser, ocorre a sutura de uma falta<sup>146</sup>.

O efeito da divisão é o próprio sujeito, cuja dependência não é outra senão a do significante. Na impossibilidade de representar-se, não resta outro recurso senão o endereçamento a outro significante ( $S_1 - \$ - S_2$ ). O resto que sobra desta equação, entre um significante e outro, na tentativa de representar o sujeito, sem apreendê-lo, é o objeto (a). Este resto perseguirá o sujeito em toda sua existência e, mesmo ex-sistente à cadeia significante, é presente na fantasia ( $\$ \diamond a$ ). Afastar-se deste efeito de sujeito com o recurso à substância é situar-se fora do Outro, alçando a falta não a um significante no campo do Outro que represente o sujeito, e sim, a um resto a consumir. Temos então a insistência do retorno; não de um significante faltante, mas do mesmo ato: excluir-se das formações do inconsciente – ato de drogar-se repetidamente.

Assim, não opera uma perda de gozo pelo efeito do significante, mas um gozo a-mais no consumo. O mal-estar é localizado tanto no trauma apresentado pelo sexual como nas exigências culturais. O sujeito só pode situar-se no sexo identificando-se ao homem ou a mulher, mas a diferença não remonta à completude e impõe mais desencontros que complementaridade. Os ideais do Outro são imagens [i (A)], não estabelecendo garantias quando da presença real

---

<sup>146</sup> LACAN, J. *Problemas cruciais da psicanálise – resumo do seminário de 1964-65 (1966)*; in. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 207.

do objeto (a). O recurso à substância coloca fora de questão o inconveniente da castração e o irrepresentável do sexo. O falo é o que falta à imagem.

É extremamente sensível que o estado de embriaguez tóxica leva a um estado de apagamento do sujeito, por assim dizer. Ao desvalorizar a exuberância das formações do inconsciente, destaca o pouco sentido do ato, manifesto no pouco que o toxicômano fala de seu ato, reduzindo-o à compreensão<sup>147</sup>. O ritmo e a forma da produção significativa é atingido. A experiência conduzida pela via do tóxico redobra-se sobre si mesma, levando a uma experiência sem sujeito, pois, onde deveria um significante representar o sujeito, reagrupa-se o vazio da experiência sensorial/corporal sem atingir uma representação. É o vazio de sentido reduzido ao Um. Questionado sobre si, o toxicômano responde com a narrativa vazia do ato: o que fez para conseguir a substância, quanto consumiu, a loucura que ficou e todo o rol de aprontações de que é capaz quando motivado pela falta da substância ou sob efeito dela.

O duro trabalho da metáfora perde peso para a metonímia de explicação cujo ponto estofado não se dá. Não há sentido no ato, é o ato pelo ato, num sucedâneo do ato primitivo de auto-estimulação divorciado do Outro. É o que afirma Freud ao estabelecer no recurso a substância um substituto da masturbação<sup>148</sup>, ato solitário. Por isso é tão fácil identificar no objeto o nome que cristaliza o sujeito: é a droga, o drogado, o vício...

Não é à toa que evocamos a identificação e o ideal. Identificar-se a um significante, conferindo-lhe amplos poderes de representação, é suspender o efeito de sujeito e, por tanto, das formações do inconsciente, ponto que

---

<sup>147</sup> LECOUCER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 70.

<sup>148</sup> FREUD, S. *Carta 79*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 323.

insistimos à exaustão por ser a espinha dorsal desta argumentação. Há claramente um excesso na identificação no significante, desmontando-lhe a possibilidade de um próximo que possa constituir cadeia. É Um que basta para garantir o inefável da adição. Fica então adiada a impossibilidade de relação sexual e, alterada a consciência, não há mais responsabilidade de ser sujeito.

Os operadores são, neste sentido, algo diferentes dos da fantasia, uma vez que esta preserva inegavelmente os traços da castração e do afeto da angústia. Os estados tóxicos não preservam estes traços, pois desvinculam a articulação do sujeito com o Outro, suspendendo, inclusive, a estrutura. Quando chega à porta um toxicômano, não se sabe do que se trata, até que a redução do consumo da substância propicie alguma forma de fala direcionada para além do relato da experiência de consumo. Uma dificuldade a mais no tratamento.

Há um esvaziamento radical do desejo, principalmente no tocante ao saber inconsciente. Isso decorre do movimento de ruptura com o Outro. O que acaba por fragilizar o articulador central na direção da cura: a suposição de saber num Outro.

A experiência tóxica é plena no saber. Seu efeito é certo, não havendo espaço para a falha. É uma significação objetivada ao extremo, esvaziando o trabalho do sujeito<sup>149</sup>. A consequência imediata recai sobre o Sujeito-do-Suposto-Saber (S.s.S.), cuja ausência impossibilita a transferência<sup>150</sup>. Não se pressupõe amor se da experiência é furtada a dúvida. São comuns perguntas direcionadas ao analista no sentido de como ele pode ajudar caso não tenha em sua própria história o uso pesado de substância. Na mesma feita desabilita-se

---

<sup>149</sup> LECOUCER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 37.

<sup>150</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 220.

uma escuta fora da objetividade do fato e destitui-se o sujeito como portador de uma verdade não sabida, mas suposta neste Outro. O fenômeno não poderia apresentar-se de outro modo, pois a transferência é sintoma do inconsciente.

O que entra em crise é justamente o dispositivo transferencial. A abstinência necessária para instalar este operador não é a da substância. É precisamente quando o analista abstém-se das demandas que a privação reedita-se como condição de divisão, estabelecendo no sintoma o circuito pulsional da satisfação substitutiva. O trabalho analítico exige necessariamente uma perda de gozo.

A regra da abstinência, recaindo sobre o analista, tenciona sensibilizar o sujeito ao saber. Esta parece ser a porta de entrada para o inconsciente, pois ao supor um saber no Outro desaloja-se, por meio da palavra, o sentido de causa do sofrimento. Não há, entretanto, garantias que o sujeito conceda. Há uma infinidade de casos cujo casamento estabelecido com a substância é mais-que-satisfatório, não havendo descolamento. Opera o curto no circuito pulsional, fazendo assim uma exceção ao inconsciente. Toxicômano surge como palavra unificadora, significante Um. Este significante implica em segregação, posto que não carece de outro significante.

O corpo, na medida crescente das complicações clínicas decorrentes do abuso de substâncias, evidencia os desenlaces do desejo com a palavra. É na crueza do corpo do toxicômano, dado aos olhos do Outro como fenômeno, diga-se, objeto de intervenção, que há o signo da falta do Outro [S( $\mathcal{A}$ )]. Opera-se o oposto da fantasia, lógica perversa, que angustia e faz do sujeito o objeto ( a  $\diamond$  \$ ). Colocando-se como objeto, a divisão recai no campo do Outro,

levando os outros, de familiares a agentes de saúde, à angústia, que muitas vezes move ações assistencialistas, reafirmando a condição de *assujeito*.

Assim, o recurso toxicômano às substâncias é mais pareado ao fazer, técnica do corpo, e menos ao ato<sup>151</sup>. Para o último, há um endereçamento ao Outro, não de ruptura, como quer o primeiro. Esta articulação preserva no ato a possibilidade da metáfora, porquanto há algo em sua estrutura que se articula em substituição. Já no fazer, a persistência da auto-administração de substâncias aproxima-o à metonímia sem ponto de estofa. A repetição excessiva e monótona, por não tratar de substituição, remete ao vazio de uma cadeia sem significação.

O estado induzido pelo uso de substâncias não está articulado ao significante. Deste modo não se trata da apresentação da metáfora do recalcado, sintoma clássico. A apresentação desse estado produz no campo do significante pouco sentido, aparentando mais um ajuntamento ou mera contigüidade dos significantes. Há uma indiferenciação mesma dos significantes neste ajuntamento, apagando o sujeito na medida que, para existir, deve haver diferença entre (S<sub>1</sub>) e (S<sub>2</sub>). O sujeito é suposto prévio à experiência, pois na medida em que calcula, o gozo esvai-se nele<sup>152</sup>.

Num contínuo de falências dos dispositivos implicados nas funções do *eu*, temos o encontro do pai e da morte através da identificação. Tomemos a lição de Freud no artigo sobre Dostoievski<sup>153</sup>: se a partir das históricas o sintoma estava estabelecido sobre a identificação, no sintoma da epilepsia não

---

<sup>151</sup> SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 152.

<sup>152</sup> LECOQUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 46.

<sup>153</sup> FREUD, S. *Dostoievski e o parricídio (1928 [1927])*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

há o traço compartilhado com o outro especular, há sim a garantia de sua completude. Não opera o deslocamento de um traço identificatório, como na lógica das formações do inconsciente<sup>154</sup>. Aparece uma significação transformadora do sujeito dividido pelo sintoma em um indivíduo no radicalismo do termo. Não é por acaso que Freud busca, além do Édipo, a bissexualidade no caso Dostoievski. Desfaz-se a realização fantasmática, disfarçada, do sintoma. Comparativamente, é necessário então colocar em suspeita o termo sintoma para a epilepsia em questão, bem como a toxicomania, nosso objeto, pois não se tratam propriamente de formações do inconsciente.

Eis a identidade que o Outro confere ao toxicômano. Mesmo que o Outro reconheça o toxicômano como alienado, a alienação não é para ele um fator de divisão. Muito pelo contrário. Subtraindo o sujeito no consumo da substância emerge a função do todo unificador da divisão. É uma licença para os efeitos da linguagem, lugar de ausência dos equívocos da comunicação<sup>155</sup>.

Há notadamente uma especificidade no recurso abusivo à mediação tóxica. Os articuladores lógicos da psicanálise encontram-se preservados, o estatuto da divisão subjetiva, por Freud demonstrada, e a verdade simbólica contida no sintoma, estão à toda prova. As exigências culturais e os impasses nos laços amorosos continuam por marcar individualmente todos os seres falantes. Contudo, a insistência na busca de um agente tóxico externo resiste ao apelo do significante. Não há resposta, a não ser a repetição do mesmo ato, para testemunhar o insuportável do sujeito. Se a dimensão simbólica de um

---

<sup>154</sup> FREUD, *A interpretação dos sonhos (1900)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>155</sup> LECOQUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 52.

tratamento pela fala está em contornar o real com o simbólico, e aí reside a eficácia e o limite do significante, há no sintoma um gozo-fálico, fora do corpo.

A estratégia da toxicomania impõe algo em outra direção. Qual o sentido? O saber inconsciente não é mais testemunho de uma verdade marcada pela falta. O discurso da ciência indica a saturação do sentido, explicando, depurando e extirpando de seu seio o equívoco. Este saber tendente ao Um redimensiona discursivamente a divisão do sujeito. Um elimina a divisão e obtura o saber, dimensão simbólica, contido no sintoma. Não há mais um sujeito do inconsciente. Para fazer frente ao significante pleno da ciência são oferecidos objetos para o consumo. Nesta operação, o consumidor não mais é dono de um objeto, os usa para reduzir os efeitos da divisão ao mínimo<sup>156</sup>. Mínimo de uma circunstância onde o consumo apresenta-se prontamente competente para identificar sujeito e objeto. A satisfação é massificada, livre dos erros e equívocos. O sujeito do inconsciente, dentro desta lógica discursiva, parece-nos escamoteado e suplantado, numa perda radical do valor da palavra como operador de perda-de-gozo. É a globalização da satisfação, dos objetos de amor e até do belo. O significante Um anula a diferença e, aderindo a ele, o toxicômano torna-se o protótipo do cidadão globalizado, despojado do traço diferencial do desejo.

Não havendo perda, não há a nostalgia do objeto<sup>157</sup>; pois a repetição não é uma volta para casa<sup>158</sup> e sim um retorno ao mesmo. Isso que torna o fenômeno tão pouco loquaz, embora barulhento. O recurso à substância

---

<sup>156</sup>SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 104.

<sup>157</sup> FREUD, S. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens – Contribuições à psicologia do amor I (1910)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 153.

<sup>158</sup> FREUD, S. *O 'estranho' (1919)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

abandona o inconsciente deixando o sujeito inapetente até mesmo para o ato de administração da substância. Por não estarem no ato, não separam nem mesmo o intervalo entre as administrações<sup>159</sup>. Inexistindo como sujeito, resta o corpo deteriorado pela desagregação do circuito pulsional.

Esta manifestação, que passa ao largo das formações do inconsciente, denuncia uma outra maneira de apresentar o insuportável para o sujeito. Desta vez, numa forma de desenlaçamento com o Outro. Assim, temos a toxicomania como um não-discurso, onde sujeito e Outro não se enlaçam, mas fundem-se, perdendo justamente nisso a diferenciação. Se o significante provoca efeitos em oposição, e neste hiato apresenta-se um sujeito como o significante que falta no campo do Outro, temos no fenômeno ora estudado um “estilo de ser” no qual não há sujeito. Ora, só o ato partido do inconsciente é analisável. O consumo da substância em si é impermeável à interpretação, pois o gozo-a-mais está sempre à mão, excluindo os operadores da perda, da interdição da mediação fálica do gozo<sup>160</sup>.

As conseqüências são nefastas. Reduzir o saber ao manejo de objetos é incorporar o mais-de-gozar no corpo<sup>161</sup>. O objeto capaz de satisfação faz do sujeito algo sem sintoma, restringindo-o a um corpo que goza de um Mais<sup>162</sup>.

Atentemos com Freud<sup>163</sup> para o inequívoco fato de a Civilização oferecer ideais, objetos e modos de satisfação; mesmo que muitos deles não sejam mais do que engodos. Há uma forte tendência de as pessoas empregarem *falsos*

---

<sup>159</sup> LECOUEUR, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 27.

<sup>160</sup> Idem, p. 59.

<sup>161</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 35.

<sup>162</sup> LACAN, J. *Radiofonia*; in.: *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003, p. 407.

<sup>163</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 81.

*padrões de avaliação*<sup>164</sup>, obtendo, por meio dos objetos ofertados pela cultura, satisfação vinculada aos mesmos, mesmo que sejam objetos fúteis. Uma característica se destaca sobremaneira: a produção de objetos destinada à satisfação exerce fascínio, em despeito da utilidade desses objetos, sendo investidos de modo a constituir verdadeiras próteses. A dimensão real que possui a civilização – de colocar objetos lá onde nada havia<sup>165</sup> – é inserida na vicissitude pulsional possibilitando, neste consolo da prótese, uma anulação da relação do homem com seu desejo enquanto falta. É o retorno à falta-a-ter, escapando por um triz da falta-a-ser.

Como vimos, é íntima a relação entre os ideais culturais e os modos de satisfação. Não é por menos que, ao centrar esforço na compreensão dos modos como o homem na civilização obtém felicidade, Freud ilumina um importante modo de entender a relação do homem com as substâncias intoxicantes<sup>166</sup>.

Inadaptado à vida quando do nascimento, o filhote humano é profundamente dependente do outro. Na medida em que a vida se torna viável, ou seja, há alguém cuidando, estabelece-se o ponto mítico de um estado de completude. Isso que jamais foi é perdido, e persiste seu objeto como causa do desejo na medida em que o circuito pulsional contorna este objeto. Sofremos de reminiscências<sup>167</sup>!

---

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 150.

<sup>166</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>167</sup> BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893 –1895)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

O resgate desse sentimento leva ao “sentimento oceânico”, necessidade intensa de proteção paterna e à restauração de um narcisismo ilimitado<sup>168</sup>. Este abalo manifesta-se intimamente como mal-estar. O *eu* não é mais uma unidade indivisível, sendo indivíduo termo completamente inadequado após a descoberta do inconsciente como um estranho, um Outro. *Isso* é estranho justamente por ser familiar, mas desconhecido pela marca do recalque, acentuando o aspecto dividido do ser. O *eu* está fora de sua casa<sup>169</sup>. Do *isso*, o *eu* não se distingue nitidamente e dele nada sabe. No amor, no cotidiano, e por vezes na patologia, as fronteiras do eu-mundo apresentam-se distorcidas e variáveis segundo as conjunturas.

No desenvolvimento psíquico, os estímulos internos e externos vão delimitando as fronteiras do *eu*. As ações específicas reduzem as tensões do *eu*, lançando-o ao princípio do prazer<sup>170</sup>. O Outro, fonte de alívio, é a morada do estranho, do ameaçador<sup>171</sup>. O *eu* orienta-se, primeiramente, segundo o princípio do prazer. Posteriormente, o princípio de realidade se constitui sob as influências do mundo externo e da rudimentar organização do *eu*. A possibilidade de o *eu* tomar-se, todo ou em parte, como objeto, culminará no desenvolvimento do conceito de narcisismo, tão caro à articulação do *eu*<sup>172</sup>. Com a possibilidade de investir-se como objeto, temos o campo do prazer constituído por objetos. Contudo, a marca do sofrimento, ou desprazer, resiste

---

<sup>168</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 82.

<sup>169</sup> FREUD, S. *O ‘estranho’* (1919); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>170</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 370.

<sup>171</sup> FREUD, S. *O ‘estranho’* (1919); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

<sup>172</sup> FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

à subtração do ser, conferindo-lhe uma marca de gozo. Esta marca é justamente o que há do objeto enquanto aderente ao *eu*<sup>173</sup>. É o que resiste a ser abandonado, não por ser *eu*, mas por ser objeto que bem serve.

Serve para quê? O que faz da droga este objeto tão eficaz em sua função de subtrair o sujeito ao suturar-lhe a divisão e desarticulá-lo da cadeia significante? Eis o ponto original inserido por Freud: os tóxicos podem ser uma saída para o mal-estar. Não uma solução de compromisso, como o sintoma, mas uma ruptura.

Não é sem importância que vulgarmente o recurso à substância é identificado a um meio de afastar-se da realidade. Mas que realidade? Seria apenas da consciência? Afirmamos que não! Há uma realidade, e mais dura: a da divisão. É precisamente aí que o efeito droga atuará, alijando o sujeito de sua função.

O princípio de realidade cliva o *eu* do mundo, garantindo àquele algum trânsito neste. O aparelho psíquico é fundado sob as marcas desta dupla dobra. Os métodos utilizados para o mundo externo são de eficácia limitada, não operando tão bem frente aos estímulos internos. Eis o ponto originário de importantes distúrbios psicopatológicos<sup>174</sup>, ponto onde o *eu* perde a indiferenciação com o mundo. Essa é a perda vital que a pulsão introduz na medida que é engendrada pelo Outro. Para haver um sujeito, este deve suportar os efeitos da castração, desta perda fundamental. A toxicomania denuncia que há alguns que renegam o acesso ao falo, retornando ao corpo o gozo que o mediador fálico poderia utilizar do significante.

---

<sup>173</sup> Idem, p. 106.

<sup>174</sup> Idem, p. 82.

A vida civilizada impõe mazelas, embora, de fato, garanta a perpetuação da espécie humana. É a perda real imposta pela reprodução sexuada<sup>175</sup>. Na reflexão sobre a civilização, elementos importantes são escalados. Religião, ciência, arte e substâncias tóxicas são apresentadas como satisfação substitutiva ante o mal-estar das exigências culturais. Destacamos o uso de substâncias, incluindo-as como um produto da Cultura, Cultura esta que apresenta demandas, interditos e oferece soluções.

O problema da perda necessária de um estado mítico de satisfação plena, identificado à indiferenciação, é tão agudo que, conforme nos conta o editor inglês de Freud<sup>176</sup>, no prefácio do *Mal-estar na Civilização*, o título original do referido trabalho versava sobre a “felicidade”. Denota-se que Freud antecipa o fato de a felicidade parecer estar interdita aos Homens. Sua análise progride na argumentação, chegando à formulação de que a busca de felicidade compõe aspecto positivo – busca de prazer – e negativo – ausência de desprazer. É uma nova aproximação do já conhecido *Princípio do Prazer*. Este Princípio está fadado ao insucesso, afastando a felicidade como estado pleno ou permanente. Fracassa por uma falha estrutural, posto que o ser da fala, das representações, funciona sob um sistema que entra em desacordo com o mundo externo e também com o mundo interno. O aparelho dividido desconhece um modo de satisfação que atenda sem conflitos aos dois princípios do aparelho psíquico. Estão contidos na crise: cisão, falta e desejo. É de especial interesse notar que Freud acentua a possibilidade de sentirmos prazer na diferença, não num estado indiferenciado de êxtase. A unificação ou anulação da diferença é uma

---

<sup>175</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 14.

<sup>176</sup> STRACHEY, J. *Notas do editor inglês*; in.: FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 76.

restrição constitucional que, quando suplantada a etapa do desencontro, apresenta-se mais como mortífero do que como prazeroso<sup>177</sup>. Não é de outra coisa que Freud fala se não da castração e de suas marcas quando relaciona as ameaças à felicidade: Corpo, Mundo Externo e Relacionamentos com Outros homens. Nestes recaem o maior peso a ser administrado. Não sem intenção a relação com outro ser falante é destacada nas fontes de ameaça. Se há algo de impossível, aqui é maior, nos diz Freud<sup>178</sup>.

Analisando as fontes de sofrimento humano, Freud depara com uma falha estrutural, uma inadequação inerente ao homem e o modo em que se inseriu na Cultura. Essa fissura ocasionará fontes de sofrimento que levarão à necessidade de estratégias, modos de gozo, como quer Lacan. Nestes termos é possível pensar escolha, mesmo sobre o crivo do determinismo psíquico.

Limitados pela própria constituição e fadados ao convívio mútuo, o problema do sexo afirma-se como atormentador. No entanto, existem formas ou saídas para a opressão cultural. Satisfações possíveis. Ora soluções de compromisso, tais como os sintomas, ora as soluções mais alinhadas aos ideais civilizatórios – o nebuloso campo da sublimação<sup>179</sup>. Mas é justamente na solução mais tosca, que não admite uma mediação, que situa-se o mais influente dos meios de lidarmos com este mal-estar. As substâncias tóxicas destacam-se pelo efeito de sutura. Consistir-se-ão em novas formas do sintoma, por não serem, propriamente falando, formações do inconsciente, mas um recurso a um poderoso e influente meio de ficar insensível aos efeitos do mal-

---

<sup>177</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer (1920)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 76.

<sup>178</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 95.

<sup>179</sup> FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 101.

estar<sup>180</sup>. Sob a influência das substâncias intoxicantes há o refúgio da realidade da divisão, em despeito mesmo do perigo e da pontencialidade dos danos. Não é a toa que Freud percebe que o recurso à substância pode levar, justamente por sua eficiência, a um desperdício de energia que poderia ser empregado na própria civilização<sup>181</sup>. Este fato é inconteste dado os altos índices de absentismo no trabalho, evasão escolar, queda de produção, dentre outros, provocados pelo abuso de substâncias<sup>182</sup>.

Nos prazeres primários, o corpo volta à evidência como palco de onde se manifestará a cena. Os prazeres imediatos convocam o corpo, coisa que de longe é tocado pelas satisfações mediadas. As alternativas dispostas na cultura realmente parecem pálidas face ao poder de influência direta das substâncias tóxicas. Tanto a arte, que oferece uma suave narcose, como o belo, provocador de um sentimento tênue e intoxicante, trazem o inconveniente de serem mediados, demandando trabalho psíquico<sup>183</sup>. Neste trabalho a energia é dissipada, e embora possa haver satisfação, esta é marcada pelo selo da perda<sup>184</sup>. Freud chega mesmo a comparar a intoxicação crônica como uma desesperada tentativa de rebelião contra a neurose<sup>185</sup>. Alargamos a concepção, pois o que está em jogo não é somente a estrutura neurótica, mas a estrutura da falta. É contra esta que o ato toxicomaniaco erige rebelião.

---

<sup>180</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 96.

<sup>181</sup> Idem, p. 97.

<sup>182</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde*. 2ª edição revisada e ampliada, Ministério da Saúde, Brasília, 2004, p. 13.

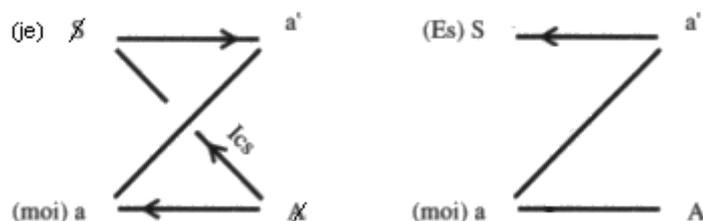
<sup>183</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 98.

<sup>184</sup> FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 353.

<sup>185</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 104.

É central para a articulação que propomos o exame das relações entre narcisismo e libido objetal<sup>186</sup>. O objeto droga assume envergadura de objeto privilegiado na economia psíquica, constituindo, nesta relação, a ausência de circulação de libido. Modificações importantes na vida psíquica surgem nos transe e êxtases, pois de algum modo o eu volta a ser Um, este (S<sub>1</sub>) não inscrito no campo do Outro. A falta, e por conseguinte o desejo, subtraem-se, fazendo da garrafa e do bebedor a soma igual a Um, excluindo a divisão e, portanto, as formações do inconsciente.

O que está fora de questão na toxicomania é o inconsciente, o sujeito e, logicamente, as estruturas. Não opera a marca da falta. É na contra mão da constituição subjetiva que redireciona-se o vetor que, por não tocar a barra de (A), a apaga de (\$).



É o retorno à des-erotização do corpo (S). Este corpo, sem as marcas da ação do significante, retorna ao estado primitivo de dispersão pulsional, conferindo a apresentação típica da ação do uso intenso de substâncias no corpo. Não por menos o auto-cuidado fica comprometido, a aparência maltratada e desleixada, e no corpo alojam-se doenças, infecções e parasitas. Como aparentam ser desprovidas de narcisismo essas pessoas!

<sup>186</sup> Em nota de rodapé acrescentada em 1931, Freud alerta para o fato de “nenhum exame das possibilidades de felicidade humana deveria deixar de levar em consideração a relação entre narcisismo e libido objetal”; in.: FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 104.

Superada a divisão, nesta feita des-erotizado o corpo, o *eu* é mantido alienado do *isso* fica à deriva num mundo imperativo de abdições e ditador de satisfações. É o mundo do imperativo de gozo, no qual “drogue-se” é a lei, e a falta da droga, a fissura. É ponto comum atribuir as recaídas à “fissura”, agora reduzida de seu valor significante. Esta parece ser a única falta reivindicada: a falta da droga.

Em sua argumentação, Freud estranha o fato de que todos os meios dos quais dispomos para nos defender da infelicidade são, incontestavelmente, ofertados por essa mesma Civilização. Surge então, naturalmente, a semelhança do processo civilizatório e da história libidinal dos indivíduos. Estes processos implicam em modificações no modo de satisfação pulsional, conseqüentemente, na vida psíquica. Mesmo porque a cultura é eficiente na dimensão real de introduzir objetos lá onde nada havia<sup>187</sup>. Estes objetos interferem na economia libidinal, uma vez que podem ser investidos. A ciência, produto histórico da civilização, produz próteses: asas, rodas, roupas... e todas as quinquilharias que amortecem o mal-estar, alienando a dimensão do desejo enquanto falta.

A marca da perda da satisfação cobra fatalmente seu preço. A compensação econômica por este menos-de-gozo acarreta em distúrbios<sup>188</sup>. Estes trazem em si as marcas de um a gozo-a-mais, uma satisfação que gera excesso pela compensação da perda. Poderá esse excesso levar a uma ruptura com os meios de satisfação implicados nas soluções de compromisso, fálicas por excelência?

---

<sup>187</sup> SANTIAGO, J. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 150.

<sup>188</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 140.

A toxicomania é uma forma de ruptura com o gozo fálico. Passa, então ao largo do (-φ), positivando o sinal por achar na substância o (a). Deste modo, conforme nossa argumentação, a toxicomania, como ruptura com o falo, não seria propriamente um sintoma. Decorre daí uma série de dificuldades no tratamento, exemplificadas pela baixa adesão, inúmeras intercorrências, recaídas, além da atuação tão presente nesta clínica.

Se estiverem no amor e no trabalho as células fundamentais da Civilização, a toxicomania como efeito da ciência, posto que é no consumo de seus produtos que se faz, paradoxalmente sai do próprio discurso quanto mais nele entra. Encerra a divisão necessária do objeto amoroso, pois só faltante ele pode ser desejado, e encerra o trabalho, pois não há desvio na finalidade libidinal. Reafirma vorazmente a lógica do ter para constituir a identificação plenamente incorporada do significante em sua potência representativa: “Sou toxicômano, eis meu corpo por testemunha! E nisso não há dúvidas, não há falha”.

As restrições e dificuldades apresentadas no caminho à felicidade são tantas que levam Freud a conjecturar se não seriam outros os fatores, além da pressão da Civilização, que interporiam a satisfação. É na natureza da própria função da representação que está o algo mais<sup>189</sup>. A sexualidade – e seu fator de desordem na vida psíquica – é a pedra angular da teoria psicanalítica. É a gênese dos conflitos psíquicos e resiste à representação do Outro sexo.

A diferença entre os sexos é de “difícil” apreensão psicológica<sup>190</sup>, ou seja, não há representação possível para a diferença dos sexos. O falo adquire

---

<sup>189</sup> Idem, p. 95.

<sup>190</sup> FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

representação e há um Outro sexo fora do significante fálico. É a falha na transcrição<sup>191</sup>, um significante que falta no campo do Outro, que estabelece o impossível de representar pela característica mesma do significante depender da barra para se representar. A marca é inscrita como falta, remetendo ao seu contorno o jogo significante da pura diferença. Essa função é que a toxicomania rebate, por fazer do sujeito do inconsciente, sempre original, o sujeito monótono da experiência – sempre o mesmo gozo, externo ao inconsciente.

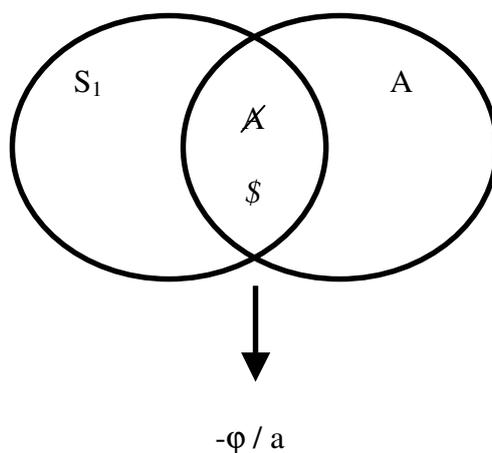
É justamente sobre a marca do recalque que incidirá o trabalho psíquico. Em torno deste significante fálico, que é um divisor de águas, pois é em relação a ele que as estruturas se organizarão<sup>192</sup>, dar-se-á toda a trama do insuportável do ser falante. Mas há outra função envolvida além do recalque sobre a sexualidade. Este “fator de perturbação” é analisado a partir das identificações e das exigências ideais<sup>193</sup>. O conceito de narcisismo, com a possibilidade de tomar o próprio *eu* com objeto, apresenta um avanço importante no pensamento freudiano. Há uma sobreposição entre o campo do sujeito e o campo do Outro. Nesse ponto estão articulados o (\$) e o (A), deixando para um campo o (S<sub>1</sub>) e, para o outro o (S<sub>2</sub>). No enodamento da interseção articula-se o (- φ), significante fálico imaginário, articulador de meios do gozo.

---

<sup>191</sup> FREUD, S. *Carta 52*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 283.

<sup>192</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999, p. 191.

<sup>193</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 130.



Está garantida uma cota de mal-estar na relação com o Outro. Falta neste um significante que represente o sujeito por inteiro. Esta marca estrutural obriga o ser falante ao recurso fálico, mediado. É justamente neste ponto que o recurso à droga do toxicômano incide: uma ruptura como os modos fálicos de gozo. Se a função de  $(-\varphi)$  é justamente ser substituído, quando em seu lugar é investida a função droga não ocorre substituição. É uma troca pelo mesmo, pode até se verificar a substituição de uma substância por outra, mas não há nada de novo. É rápida a equação que uma droga “leve” leva a uma “pesada”, mas assim procedendo, o discurso do Outro reafirma a exclusão do sujeito, pois coloca a droga como agente operador da escolha, ignorando o fato de que não há nos termos da função diferença entre as substâncias<sup>194</sup>. Neste sentido, o mal-estar assume uma proporção de insuportável para estes sujeitos que buscam outra saída, que não o sintoma, mas a ruptura com o inconsciente.

É necessário que  $(-\varphi)$  mascare  $(a)$  para dar acesso a alguns objetos, mas que preserve este mesmo  $(a)$  como causa. Se o objeto encontrado coincide com

---

<sup>194</sup> Nesta afirmação, não estamos desconhecendo o diferencial lesivo de cada substância, nem atribuindo a todas o mesmo peso ou característica. Acentuamos aqui que o toxicômano faz a droga, e não o inverso, dado que no princípio há uma relação de sujeito com um objeto, e não um quadro psicopatológico apriorístico.

(a), confundindo-lhe a função de causa com a função mesmo de objeto, encerra-se a pergunta dirigida ao Outro. Empossado do objeto (a) não há resto a desejar, não há nada no Outro que valha o interesse ou a direção.

O que está em jogo é a demanda do Outro, estabelecendo em sua função o circuito pulsional ( $\$ \diamond D$ ). Circuito este que tem em uma de suas saídas a função do desejo ( $\$ \diamond d$ ); e no caso de nosso objeto, o curto-circuito da pulsão. Então o corpo toxicômano transforma-se em abrigo para a descarga pulsional cada vez menos erótica. Gozo mortífero do/no corpo.

Ora, se a escolha de um parceiro renova e alça o sujeito à castração, a operação de adição (de drogadicto) opera justamente zerando a diferença do sexo à unidade. O uso toxicômano da substância restringe o sexual ao mesmo, denotando que o insuportável é a demanda do Outro. É o encontro com um parceiro que não demanda, que não fala, que não frustra. Este seria o motivo da recusa de novas parcerias e de um imperativo familiar: “mais uma dose!” Daí a similitude à necessidade - lembremos que na toxicomania a relação com a substância muitas vezes adquire este termo, posto que está assegurada a insatisfação da demanda, ecoada ao enigma do desejo, onde a satisfação do Outro é localizada num objeto.

Na relação com o Outro surge também uma nova modificação. Freud<sup>195</sup> destaca o sentimento de culpa como uma variável topográfica da ansiedade<sup>196</sup>, a angústia é denotativa de que há algo por trás do sintoma e, vez por outra, atormenta a consciência. É a cota de sacrifício paga pela domesticação das pulsões. Sua vivência é íntima ao mal-estar. Lacan situa a angústia entre o gozo

---

<sup>195</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 159.

<sup>196</sup> Embora o tradutor brasileiro de Freud tenha optado pelo termo “ansiedade”, é mais coerente a tradução por “angústia”.

e o desejo<sup>197</sup>. Aquela não é sem objeto, e manifesta-se no corpo, quando há um derramamento real sobre o imaginário<sup>198</sup>. O sentimento de culpa perde o estatuto de demanda de sentido interdita e endereçada ao Outro na toxicomania, pois este Outro é destituído do lugar de destinatário por não haver mensagem<sup>199</sup>. Sair do gozo e ascender ao desejo não se dá sem angústia. Eis um braço do circuito pulsional. Mas um entrave na clínica estabelece-se neste ponto: a angústia demanda trabalho psíquico para ser suportada e, em razão deste suporte, o desejo é tocado; como restituir o circuito para aqueles que arrumaram um remédio para o mal-estar?

Ora, a descoberta analítica revelou a verdade do sexual presente no sintoma, o recurso a um modo de satisfação aquém do inconsciente dribla precisamente a angústia envolvida na falta de relação sexual. Estabelecer um modo de gozo que não passe pelo Outro do sexo é, por definição, um gozo cínico.

O enlace do sujeito com o objeto não poderia se dar de outra forma senão pelos objetos da pulsão, para justamente aí se impor como estratégia de manejo do desconforto pulsional, a ruptura com os modos significantes de gozo. Opera aí a desmontagem dos termos da fantasia (  $\$ \diamond a$  ). Gozo-fálico, fora do corpo, é modulado por essa função. A dependência do sujeito é do Outro, embora seja contra o significante que ele dirija seu boicote.

---

<sup>197</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 10, a angústia*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 197.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> LECOQUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992, p. 52.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: AMOR, SEXO E CELIBATO

A diferença dos sexos é encarnada pela anatomia dos organismos vivos. O organismo é dividido em dois sexos, macho e fêmea, mas isso pouco acrescenta à compreensão da escolha dos parceiros. Deste modo, temos na significação da diferença dos sexos a melhor explicação para o desejo no humano, ou seja, como se situar frente à castração. Essa significação, particular para cada sujeito, traz no Outro os nomes de cada cultura. Ser homem ou mulher é, antes de uma determinação do cromossomo, uma resposta ao Outro. Temos no apelo aos instintos uma franca insuficiência explicativa pertinente à própria natureza do objeto causa de desejo, este objeto (a).

A muito abandonamos o cio, aquele estado biológico que leva os animais a buscarem acasalamento e a fêmea a aceitar o macho<sup>200</sup>, e ficamos com os enigmas do desejo sexual marcado pelas pulsões. Devido a sua plástica, as pulsões apresentam toda uma sorte de destinos, tendo na satisfação parcial um meio de realização cujo alvo recai ao sabor de cada sujeito nas mais amplas possibilidades. O inconsciente não é orientado pelas categorias da biologia, ante as quais as representações e as pulsões parciais não oferecem respostas.

O descompasso sofrido entre o biológico e sua representação é devido ao fato de haver um corte, uma inscrição irreversível da sexualidade sobre a natureza. O ser sexuado é uma exigência da linguagem. Situa-se para além do corpo, do organismo vivo, confirmando a ausência de complementaridade entre sujeito e o objeto. Assim, não há no mundo natural objeto capaz de satisfazer plenamente o desejo sexual. Isso confere ao desejo, desde Freud, um caráter

---

<sup>200</sup> HOUAISS, Instituto; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001, p. 723.

indestrutível<sup>201</sup>. Atentemos ao fato de ser justamente sujeito (\$) e objeto (a) os termos presentes na fórmula da fantasia ( $\$ \diamond a$ ). A relação entre os termos não é outra senão de aproximação ( $\wedge$ ) e afastamento ( $\vee$ ), como indicado pela figura ( $\diamond$ ). Portanto, a própria fórmula da fantasia exclui a relação de complementaridade<sup>202</sup>. A marca da divisão só é transponível com uma ação que faça desaparecer o sujeito, desarticulando a estrutura da fantasia<sup>203</sup>. Assim, afastamos a toxicomania das clássicas formações do inconsciente para conferir-lhe o estatuto de novas formas do sintoma: manifestações de ruptura com o Outro. A recusa do inconsciente é ampla, incidindo inclusive sobre a transferência. Não é por menos que o vínculo transferencial nesta clínica é extremamente frágil.

A diferença anatômica é reduzida à problemática fálica para da significação de um órgão do corpo fazer-se o significante. É a cota de carne cedida para entrar no universo simbólico. As pulsões parciais desconhecem a diferença sexual, abrigando o inconsciente indistintamente, tanto o que é homo e o que é hetero, no campo da sexualidade<sup>204</sup>, possibilitando a labilidade de satisfação na mesma medida que encerra a distinção de prazeres em registros diferentes. O que é vivido como prazeroso num sistema pode ser desprazeroso no outro<sup>205</sup>.

---

<sup>201</sup> FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 158.

<sup>202</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p. 198.

<sup>203</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 8, a transferência*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p. 326.

<sup>204</sup> SOLER, C.; *O que Lacan dizia das mulheres*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006. p. 17.

<sup>205</sup> BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893 –1895)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

A cultura encarrega-se de oferecer objetos, unindo o desejo sexual à linguagem sob a forma metonímica. Quando se chega a um objeto, aquele propalado como derradeiro, este, natimorto, já está superado por outro, enfim o prometido. Percebe-se um deslocamento sem ponto de basta, cuja substituição de objetos não possibilita significação possível. Deste modo a cultura pluraliza a oferta, sempre deslocando de um objeto ao outro, proporcionando contorno à falta, camuflando, no consumo dos objetos, a insanável divisão. O fenômeno é demonstrável no frenesi do consumo cuja significação é vazia, assemelhando esta loucura ao ( $\Phi_0$ ) da psicose: o falo não é escrito no inconsciente em sua negatividade.

Os objetos nesta função exercem valor de adesão e fixação prometendo a recuperação da satisfação pulsional, um gozo a-mais. Na superação de um objeto por outro se cria um resto, um excesso, na medida que o consumo de um novo objeto torna inútil o precedente. Há aqui uma aproximação perigosa do discurso da ciência com o discurso do capitalismo. O discurso da ciência abandona o efeito de representação de um sujeito que o significante porta. A ciência afasta o efeito de sujeito de suas experimentações<sup>206</sup>, obtendo como efeito adesão do sujeito aos objetos que antes não estavam lá. A castração é foracluída, por assim dizer. Eis um ponto de real vindo da cultura, não há saber do sujeito na medida em que o vetor de ( $S_1$ ) não está direcionado à ( $S_2$ ), e novos objetos são postos onde antes nada havia<sup>207</sup>.

---

<sup>206</sup> LÈRÉS, G.; *Leitura do discurso capitalista segundo Lacan. Um instrumento para responder ao Mal-estar*; inédito.

<sup>207</sup> SANTIAGO, J. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria clínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001. p. 150.

A função da droga é estabelecida nesta mesma lógica. É um produto da ciência cuja finalidade é recuperar parte do gozo perdido<sup>208</sup> em decorrência da entrada no discurso por um recurso a um objeto que propicie um mais-de-gozar. Então, a escuta do toxicômano e no seu particular recurso à droga deve buscar o trilhamento pulsional e a relação com o objeto (a) para minimamente re-situar um sujeito (*je*) no circuito do desejo. Temos nesta proposição o rumo pelo qual a direção do tratamento deve ser orientada. Na história de vida de um toxicômano deve ser estabelecido o circuito pulsional para relaná-lo justamente ao ponto em que a fantasia não ofereceu mais suporte. É o *fator desencadeante* observado pela psiquiatria. Lembremos que, no contato com qualquer substância, não existem garantias apriorísticas de quem vai ou não desenvolver transtornos decorrentes por uso de substâncias<sup>209</sup>. O diferencial está na função que o sujeito fará da droga em sua economia psíquica. Manterá ele o casamento com seu falo, mesmo sob a pena da subtração de seu gozo?

O crucial em nosso desenvolvimento está em justamente precisar que tipo de resposta uma pessoa dá na sua “hora da verdade”<sup>210</sup>, hora em que o fantasma encontra o objeto que o satisfaz. Santiago<sup>211</sup> destaca que a apreensão do ato de intoxicar-se abusivamente deve considerar a reflexão ética incluída na divisão do sujeito e seus modos de satisfação pulsional. Com isso afastamos a tendência ao enfoque fenomenológico despertado pelos efeitos da droga. Esta perspectiva fatalmente cairia numa classificação taxonômica, quer por tipo de substância ou pela extensão de dano causado pelo consumo. Afastar-nos da

---

<sup>208</sup> Idem, p. 162.

<sup>209</sup> DSM-IV. *Critérios diagnósticos: referência rápida*; Artes Médicas, Porto Alegre, 1995, p. 104.

<sup>210</sup> LACAN, J. *Televisão*; in.: *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003. p. 538.

<sup>211</sup> SANTIAGO, J. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria clínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 153.

fenomenologia dos efeitos é essencial para avançar no argumento que tais efeitos são solicitados por um sujeito como resposta ao insuportável de sua divisão. Embora de modo nenhum se deva descartar ou afastar os saberes da clínica médica, psiquiátrica ou farmacológica do conjunto da intervenção clínica. O corpo, sim, está em crise e demanda cuidados. Buscamos aqui delimitar o campo e a especificidade da intervenção que ora propomos.

A clínica impressiona diariamente aqueles que se dispõem a escutar um sujeito apresentando pessoas que, apesar dos evidentes efeitos deletérios do uso abusivo de substâncias, recorrem monótona e insistentemente ao uso. Aqui temos uma contribuição proporcionada pela pesquisa psicanalítica: o objeto pelo qual a pulsão se satisfaz pode ser agressivo ou mesmo fatal para o indivíduo. A pulsão não tem objeto e sempre se satisfaz<sup>212</sup>.

Justamente por não ter objeto é que a manifestação de gozo superpõe-se à satisfação pulsional. Para tanto o corpo é solicitado como palco para a manifestação do fenômeno, pois o que se desmonta primeiramente é a linguagem como constituinte deste corpo, antes mesmo do que o organismo em si<sup>213</sup>.

O recurso insistente à intoxicação é uma solução apresentada para completar imaginariamente a falta, daí decorre a ênfase sobre este registro na nossa argumentação. Esta solução opera como um anti-sintoma. É amplamente constatável o vazio da fala, a precariedade das demandas, a baixa adesão ao tratamento e as freqüentes recaídas. Se as ciências farmacológicas, médicas e psicológicas avançaram bastante sobre o objeto droga e sua interação com a

---

<sup>212</sup> FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes (1915)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 128.

<sup>213</sup> SANTIAGO, J. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria clínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p. 140.

pessoa e o organismo vivo, é necessário avançar no campo freudiano, ou seja, como os efeitos de um produto da ciência afetam o discurso do sujeito.

A fantasia presta-se a velar o real, modulando a aproximação do sujeito com o objeto que o causa, sem haver, contudo, um ponto ótimo. Na impossibilidade de o ajuste fazer-se, segue o sujeito na vida, na errância, administrando a seu modo o mal-estar. É o modo que cada um goza de seu sintoma.

Nestes termos, não há sujeito como efeito do inconsciente sem sintoma e sem gozo. O benefício de uma análise está em possibilitar uma travessia pela inconsistência do Outro. Se o fantasma atua como uma ficção, nos registros do imaginário e do simbólico, garantindo uma distância suportável do real, o faz por meio de uma mentira. O engessamento num mesmo modo de gozo é a ficção/fixação do objeto<sup>214</sup>. A escolha de um modo específico de gozar que passe ao largo das interpelações do Outro denuncia uma relação de objeto fora da castração. Romper com a ordem fálica tenciona a própria analisabilidade da toxicomania, uma vez que há uma desarticulação da cadeia significante<sup>215</sup>.

A mentira está mesmo no ponto de fixação, uma *significação absoluta*<sup>216</sup> que atrela no real o paradoxo. Significar é enlaçar o imaginário com o simbólico, na lógica da cadeia significante, sempre passível de novo rearranjo; mas o absolutismo proposto denota a mentira do simbólico e revela algo de real.

---

<sup>214</sup> LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

<sup>215</sup> CIRINO, O.; GROSSI, F. *A escolha da droga*; in.: STYLUS: revista de psicanálise nº 11 – *as escolhas do sujeito no sexo, na vida e na morte*, Rio de Janeiro, 2005, p. 121.

<sup>216</sup> LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 828.

Este real está inscrito na falta do Outro. É o significante fora da cadeia, ausente tanto no sujeito como no Outro, que insere a ferida da falta, da castração, da barra. Esta marca no Outro, verdadeiro trauma, que recai sobre o sujeito, é respondida por este, através de uma interpretação pouco flexível, que o sujeito faz do Outro. É a fantasia. O sujeito compensa a castração com o objeto, mas a marca da castração deixa o desejo no campo do não-sabido, não havendo recompensa, mas divisão<sup>217</sup>.

Eis o ponto no qual a ética da psicanálise faz sua diferença. A busca de Um objeto que restitua a inteireza do sujeito, que o compense pela castração, está fora de questão. A divisão do sujeito provoca angústia. Para remediá-la, a ciência oferece produtos capazes de colar sujeito e objeto. Outro caminho possível seria a formação de um sintoma. Nesta esfera há o gozo sacrificioso do casamento com o falo. O trabalho de análise visa atravessar a inconsistência do Outro, para um gozo Outro, que comporte em sua estrutura a falta. Mas ao enveredarmos neste caminho nos distanciamos da discussão relativa ao objeto droga. A análise de um toxicômano deve objetivar, pelo menos a princípio, um efeito mais modesto, como o deslocamento do objeto<sup>218</sup>.

A fantasia confere consistência imaginária ao Outro, atravessá-la é conceder à castração, impossível de evitar. Deste modo o que é consistente não é o Outro, e sim o gozo. Este não é oriundo do Outro; embora tenha lá uma inscrição, é antes de tudo uma resposta do real<sup>219</sup>. Esta resposta é um vetor, tem origem no real e atinge todos, não escapa Um que fale. O gozo fálico assume

---

<sup>217</sup> SOLER, C. *Variáveis do fim da análise*; Editora Papyrus, Campinas, 1995, p. 199.

<sup>218</sup> CIRINO, O.; GROSSI, F. *A escolha da droga*; in.: STYLUS: revista de psicanálise nº 11 – *as escolhas do sujeito no sexo, na vida e na morte*, Rio de Janeiro, 2005, p. 125.

<sup>219</sup> SOLER, C. *Variáveis do fim da análise*; Editora Papyrus, Campinas, 1995, p. 191.

relação de identidade, inscrevendo o sujeito no campo do gozo<sup>220</sup>. O gozo fálico conjumina com a identidade narcísica, fato demonstrado pela potência fálica do órgão sexual masculino, onde gozo e narcisismo convergem. Quando o *eu* goza de seu órgão, confirma o semblante fálico do mesmo, mesmo estando sem garantia alguma que o *eu* está no controle desta potência. O valor fálico produz uma identidade sem garantias, constantemente atravessada pela falácia de sua segurança. A droga opera um corte pela via da recuperação de gozo, oferecendo todas as garantias. Ao recorrer à sua substância, o toxicômano tem por certo seu efeito. O agente químico atua no corpo reduzindo-o ao ser vivo sujeito à sua ação.

Como a escolha de objeto é ordenada pelo falo<sup>221</sup>, ao admitir a droga como objeto que exerce função de corte, de recuperação de gozo, temos justamente aí um modo peculiar do sujeito afastar-se do mal-estar da sexualidade. Como vimos, inicialmente o falo está no campo do Outro, primeiramente a mãe, figurado sempre no estado de faltante, donde decorre sua marcação como negatividade (-φ). Posteriormente, ainda faltante, ele é devido ao pai. Devido, pois este não o tem, mas faz-se portador. O pai também é castrado e isso confere ao falo o estatuto de um significante metonímico, submetido à lei do pai<sup>222</sup>. Não por outro motivo o falo é o índice de que o sujeito apossou-se da linguagem. Por existir como significante, o falo é um mediador que possibilita o sujeito entrar no jogo de presença e ausência, denotativo da castração.

---

<sup>220</sup> Idem, p. 160.

<sup>221</sup> SANTIAGO, J. *A Droga do Toxicômano – Uma parceria clínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001; p.: 165.

<sup>222</sup> LACAN, J. *Os Nomes-do-pai*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 75.

A castração impõe necessariamente angústia. Esta é o derramamento do real sobre o imaginário, tendo no abalo do corpo uma de suas marcas. É o afeto que não mente quanto a seu objeto<sup>223</sup>. Há uma parceria estrutural estabelecida entre o sujeito neurótico e o falo no momento da assunção como ser falante. O recurso sistemático à droga revela precisamente a impossibilidade de ser fiel a este casamento com o falo. Outro fator entra no jogo, produzindo um curto no circuito pulsional estabelecido na constituição do *eu*. O objeto, não mais em sua ausência, mas em sua presença real, positiva a ausência fálica e estanca a metonímia dos objetos no valor de significante, condensando em um e apenas um objeto, sem metáfora possível.

A singeleza da articulação está precisamente em perceber que o que divide não pode completar, e sim, causar. Nestes termos, o gozo obtido por um homem de uma mulher causa seu desejo por ela. É preciso notar que ao buscar A mulher, o homem encontra uma mulher, mesmo que sejam várias. É justamente no fato de A mulher não existir, e ser o homem todo fálico, que ele pode desejar e ter acesso ao Outro sexo.

Devemos ter cuidado de não aproximar o gozo tóxico ao gozo Outro, ao feminino. Não se trata disso. O que está em jogo é mais próximo ao que Lacan nomeou como a ética do celibatário<sup>224</sup>. Celibatário designa as diversas posições

---

<sup>223</sup> LACAN, J. *O Seminário – livro 10 - a angústia*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005, p. 88.

<sup>224</sup> LACAN, J. *Televisão*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, p. 72. É digno de nota que a tradução brasileira de *Televisão* ganha dez anos depois uma nova versão incluída em: LACAN, J. *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003. Pequenas alterações são verificadas nesta segunda edição, sendo que uma delas atinge justamente o termo *celibatário*. Este, na última versão, aparece traduzido por *solteirão*. Optamos pela solução apresentada na primeira tradução, uma vez que este termo aparece assim traduzido em outras referências adotadas neste trabalho. Mesmo entendendo que o rigor conceitual pede uma discussão sobre a tradução mais precisa do termo, este não é, neste momento, nosso objetivo.

libidinais em que a mulher não é objeto<sup>225</sup>. Esta ética, contrária à do bem dizer, provoca um curto-circuito no inconsciente, por conseguinte, no desejo. Frente ao lugar vazio do Outro, à inexistência d'A mulher, assume-se um lugar fora-do-sexo, com uma ruptura radical com o sintoma. A toxicomania parece advir como uma resposta do real naqueles, cujo esforço de suportar as exigências do amor sem garantia da fusão dos sexos, não encontram sustentação na fantasia. O recurso a mão é a ruptura com o inconsciente.

Não à divisão; não há divisão. É o sujeito casado, e bem casado, com seu órgão, desinteressado d'A mulher. Assim temos recaindo no corpo o gozo do Um fálico, dependendo apenas do imediatismo conduzido por uma substância química, que passa por fora do sexo, das formações do inconsciente, enfim, que exclui o Outro sexo. O celibatário evita a mulher barrada, desobrigando-se de supri-la e desejá-la. É uma posição fora-do-sexo por haver apenas o Um fálico e não mais o Outro sexo. A ampla prevalência masculina no recurso à droga<sup>226</sup> e o abandono do sexo e dos laços sociais apresentados pelo toxicômano são fortes evidências clínicas nesta direção.

Não estamos caindo na falácia do gênero. Na medida em que o homem está todo submetido à função fálica, o sujeito só acessa o gozo pela fantasia. Já a mulher, cujo sujeito está no não-todo fálico, cabe o recurso a um gozo suplementar, sem suporte do objeto. Temos nas mulheres que se rebelam contra o casamento com o gozo fálico a questão centrada no falo, não no feminino. O Outro sexo continua sendo a questão, pois tanto os homens como

---

<sup>225</sup> SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006, p. 244.

<sup>226</sup> BRASIL.Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde*. 2ª edição revisada e ampliada, Ministério da Saúde, Brasília, 2004, p. 15.

as mulheres alinhadas ao falo buscam não a resposta ao problema do sexo, mas uma saída de ruptura das interpelações do Outro. Localizamos precisamente neste ponto a contribuição de Lacan à elaboração freudiana das toxicomanias. Ao avançar a discussão para além da lógica fálica, possibilitou a leitura dos fenômenos que rompem com essa referência.

O gozo tóxico é uma das saídas, como apontou Freud<sup>227</sup>, para o mal-estar da divisão subjetiva. A problemática clínica persiste na medida em que a ciência lança novos produtos e o discurso do bem-estar tenta fazer-se hegemônico na erradicação do Outro na segurança do Um fálico. Como sustentar uma ética não-cúmplice da ética cínica do celibatário? Como sustentar a clínica psicanalítica se ocorre justamente uma recusa das formações do inconsciente? Como subverter um fenômeno de ruptura em sintoma? Eis os desafios da clínica aos quais o analista não pode recuar, mesmo sob toda a dificuldade do seu exercício.

Concluimos, por fim, que há na toxicomania uma posição ética de ruptura com o desejo. Uma ética do celibatário. Assim, temos na toxicomania um exemplo clássico de respostas às demandas do Outro. Certamente podemos abarcar outras manifestações sintomáticas, por assim dizer, nesta mesma lógica. O que nos leva a ampliar a questão, em um outro momento, para as fórmulas discursivas da modernidade.

---

<sup>227</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980, p. 93.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de redução de danos*; Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, 2001.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde*. 2ª edição revisada e ampliada, Ministério da Saúde, Brasília, 2004.
- BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893 –1895)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- BYCK, R. *Freud e a cocaína*; Editora Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1989.
- CIRINO, O.; GROSSI, F. *A escolha da droga*; in.: *STYLUS: revista de psicanálise nº 11 – as escolhas do sujeito no sexo, na vida e na morte*, Rio de Janeiro, 2005.
- DSM-IV. *Critérios diagnósticos: referência rápida*; Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.
- FREUD, S. *Carta 52*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Carta 79*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *A interpretação dos sonhos (1900)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens – Contribuições à psicologia do amor I (1910)*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *A dinâmica da transferência (1912)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – Contribuições à psicologia do amor II (1912)*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu (1913 [1912-3])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

- \_\_\_\_\_. *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil (1918 [1914])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Os instintos e suas vicissitudes (1915)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O 'estranho' (1919)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer (1920)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A cabeça de medusa (1940 [1922])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O problema econômico do masoquismo (1924)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *A questão da análise leiga (1926)*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Dostoievski e o parricídio (1928 [1927])*; in.: *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932 [1931])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *A divisão do ego nos processos de defesa (1914 [1938])*; in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996.

HOUAISS, Instituto. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 1 - os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.

- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 7, a ética da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 8, a transferência*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 10, a angústia*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 20, mais, ainda*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário – Livro 22, R.S.I.*, Inédito.
- \_\_\_\_\_. *O estádio do Espelho como formador das funções do eu - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949; in.: Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et medecine, in.: Document de travail – interventions de J. Lacan extraites des lettres de l'école*, Lettres de l'école n°1, Paris, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in.: Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, in.: Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Problemas cruciais da psicanálise – resumo do seminário de 1964-65 (1966); in. Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.

- \_\_\_\_\_. *...ou pior – Relatório do Seminário de 1971 - 72; in. Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O aturrito; in. Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Radiofonia; in.: Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Televisão*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Televisão; in.: Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Nomes-do-pai*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- LAROUSSE. *Dictionnaire de la langue française – lexis*, Larousse, Paris, 1999.
- LAURENT, E. *Alienação e separação I*; in.: FELDSTEIN et al. *Para ler o Seminário 11 de Lacan*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.
- LAURENT, E. *Alienação e separação II*; in.: FELDSTEIN et al. *Para ler o Seminário 11 de Lacan*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.
- LECOUER, B. *O homem embriagado – estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e alcoolismo*; Editora FHEMIG, Belo Horizonte, 1992.
- LÈRÉS, G.; *Leitura do discurso capitalista segundo Lacan. Um instrumento para responder ao Mal-estar*; inédito.
- PEREIRA, C. *Alcoolismo: questões sobre o sintoma*; in.: STYLUS: revista de psicanálise nº 7 – *versões da práxis psicanalítica*, Rio de Janeiro, 2003.
- SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*; Editora Cultrix, São Paulo, 1996.

SCHEINKMAN, D. *Da pulsão escópica ao olhar: um percurso, uma esquizo*;  
Editora Imago, Rio de Janeiro, 1995.

SOLER, C. *Variáveis do fim da análise*; Editora Papirus, Campinas, SP, 1995.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o Outro I*; in.: FELDSTEIN et al. *Para ler o Seminário  
11 de Lacan*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o Outro II*; in.: FELDSTEIN et al. *Para ler o Seminário  
11 de Lacan*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. *O que Lacan dizia das mulheres*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro,  
2006.

ZAFIROPOULOS, M. *O toxicômano não existe – fenomenologia da  
experiência toxicomaniaca e referências psicanalíticas*; in.:  
BITTENCOURT, L. (org.) *A vocação do êxtase*, Editora Imago, Rio de  
Janeiro, 1994.